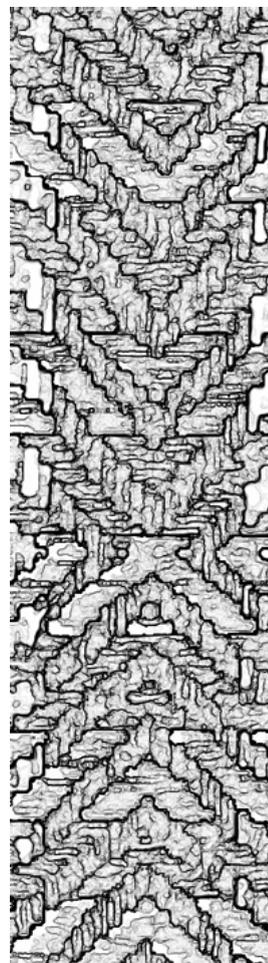


Biotupé: Meio Físico,
Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central
Edinaldo Nelson SANTOS-SILVA, Fábio Marques APRILE, Veridiana Vizoni SCUDELLER,
Sérgio MELO (Orgs.),
Editora INPA, Manaus, 2005



Diversidade Sociocultural

3

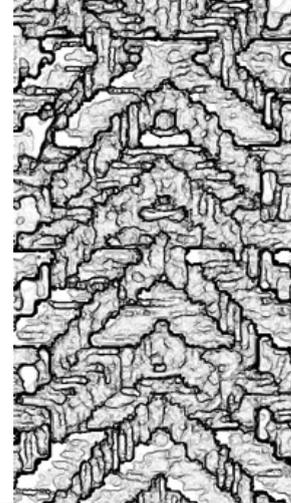
CAPÍTULO 15 - Histórias: narrativas e depoimentos das comunidades São João do Tupé e Colônia Central

George Henrique REBÊLO; Adriana Kulaif TERRA; Viviane Maria Guedes LAYNE & Tábita Maciel AMORIM

CAPÍTULO 16 - A visão vernacular e o desafio cultural para construções em mutirão

Leandro GASPARINI & André Munhoz de Argollo FERRÃO

Biotupé: Meio Físico,
Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central
Edinaldo Nelson SANTOS-SILVA, Fábio Marques APRILE, Veridiana Vizoni SCUDELLER,
Sérgio MELO (Orgs.),
Editora INPA, Manaus, 2005



Capítulo 15

Diversidade Sociocultural

Histórias: narrativas e depoimentos das comunidades São João do Tupé e Colônia Central

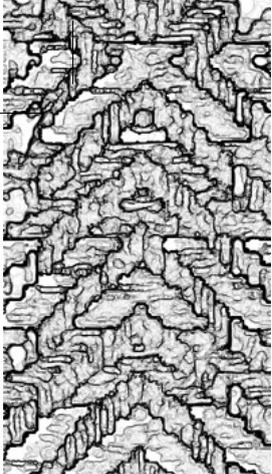
George Henrique REBÊLO¹
e-mail: jacare@inpa.gov.br.

Adriana Kulaif TERRA¹
Viviane Maria Guedes LAYME²
& Tábita Maciel AMORIM²

¹INPA, Coordenação de Pesquisas em Ecologia, Caixa Postal 478, 69086-970, Manaus-AM,
²UNIR, Instituto de Biologia, Porto Velho-RO

RESUMO - Este capítulo retrata a história de duas comunidades da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (RDS Tupé). As narrativas e depoimentos foram registrados por quatro pesquisadores. Das vinte entrevistas gravadas com seis informantes, foram selecionados trechos que: (1) contam as origens dos atuais moradores da RDS Tupé, e a história das comunidades (2) São João do Tupé e (3) Colônia Central. Ambas as comunidades são exemplos distintos da capacidade de seus moradores em transformar a paisagem. A praia do Tupé foi construída por seus moradores para terem uma nova fonte de renda. O ramal da Colônia Central foi aberto em mata bruta por gente que foi enganada. Este registro deveria ser replicado nas demais comunidades para subsidiar o manejo da RDS Tupé.

PALAVRAS-CHAVE: história oral, narrativas Amazônicas, história ecológica.



Rebêlo *et al.*

Introdução

A história oral de duas comunidades foi registrada por quatro pesquisadores. São João do Tupé é uma comunidade no Lago Tupé de onde se avista o Rio Negro. O encantador lago Tupé já produziu lenha, pedras, peixes e agora serve ao turismo de massa. A Colônia Central é uma área de mata alta em torno de um ramal central ocupado por casas, roças e capoeiras. O ramal rasga a floresta entre as cabeceiras do Tupé, o Rio Negro, o igarapé Acácio e o Tarumã-Mirim há apenas dez anos e a mata ainda se conserva bela e imponente.

Ambas as comunidades partilham a área de uma mesma unidade de conservação. Criada à revelia de seus moradores, a hoje Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (RDS Tupé) prevê o uso prudente e sustentável dos recursos na área, zona rural de Manaus (AM). Para conhecer seus moradores e sua relação com o lugar, gravamos e transcrevemos cerca de vinte entrevistas e depoimentos contados nas comunidades de São João e Colônia Central por sete pessoas, de várias idades e funções, entre maio de 2002 e janeiro de 2004. As transcrições registram com maior fidelidade (exceto a pronúncia) a fala dos informantes. Selecionamos algumas narrativas e depoimentos do pequeno número de informantes independentes: Barú, Domingos, Glicério, Jaumir. As pessoas mais velhas entre os que se dispuseram a separar parte do seu tempo para vasculhar suas lembranças e contar histórias que vão subsidiar o manejo dos recursos da RDS Tupé.

Material e Métodos

Um capítulo em três atos: no primeiro contam a história anterior e as origens, dos atuais moradores. No segundo histórias da fundação da comunidade São João do Tupé e os usos atuais do Lago. No terceiro a fundação e história recente da Colônia Central. Todos de acordo com a versão transcrita pelos pesquisadores do PROJETO BIOTUPÉ (2004). As convenções se baseiam em trabalhos sobre narrativas orais populares da Amazônia (p.ex. Simões & Golder 1995), daí a presença de marcas de oralidade, traços regionais, expressões e construções peculiares relacionadas as circunstâncias da gravação e à

fidelidade de transcrição.

Aparecem, os seguintes símbolos:

[] utilizados para enquadrar palavras ou expressões que causaram dúvidas ao transcritor ou esclarecem a fala. Quando vazios, indicam silêncio prolongado (hesitações, embaraços, timidez).

() enquadram a fala do pesquisador, ou sua descrição dos efeitos da narrativa sobre os presentes (riso, raiva, etc.).

Lista de Abreviaturas: ACAR - Associação Comunitária Agrícola Rural da Comunidade Colônia Central. ACIRU - Associação das Comunidades Indígenas do Rio Umari. CEM - Centrais Elétricas de Manaus. FUNAI - Fundação Nacional do Índio. IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. SEDEMA - Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Meio Ambiente. SEMTA Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (Martinello, 1988). SIDERAMA - Companhia Siderúrgica da Amazônia. SUSAM - Secretaria de Estado da Saúde do Amazonas.

Origens dos atuais moradores

O Soldado da Borracha

Depoimento de Glicério Luis Ferreira, 81 anos, aposentado, nunca estudou.

-Eu sou nordestino. Eu sou de um lugar por nome Caiçara, mas eu quando vim pro Amazonas eu tava numa cidade do Rio Grande do Norte por nome Areia Branca, é de lá foi que eu vim.

(e o senhor veio pra cá por quê?)

-Naquela época eu era soldado da borracha. Tinha aquele alistamento,



eu cheguei em Manaus em [1943].

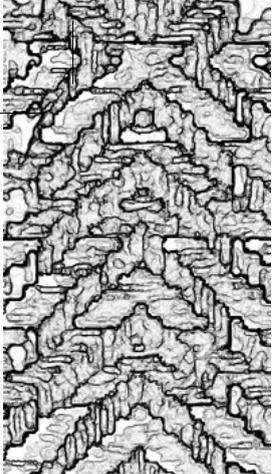
(o senhor veio pra cortar seringa?)

-Foi pra trabalhar na seringa. Aí eu [], naquele tempo aí eu [], era abaixo, aí abaixo um pouco daquele aeroporto de Ponta Pelada, era o nosso barracão, que nós ficava, era ali. Aí eu cheguei num dia e no outro dia eu vim pra [estiva]. Só que quando eu cheguei lá, chegemo aqui, ainda fizemo, chegemo aqui no dia oito de setembro. No dia sete de setembro nós tivemos em Santarém, nós passamo em Santarém, aí parou lá, aí o pessoal tava marchando [...] ficamo pra lá. Aí assim que eu cheguei, um rapaz chegou assim perto de mim, falou comigo, perguntou de onde eu era, eu disse que eu era cearense e ele disse que era paraibano de Patos []. Aí ficamo logo amigo, ele já tava ali há dias, há tempos, há meses, né? E eu cheguei no outro dia, aí muito bem, conversamos, quando foi no outro dia de manhã na hora do café, conversamos de novo e quando foi na hora do almoço [] aí ele: “e aí cumprade tu não quer trabalhar na estiva?”, “Quê rapaz? Quero, sim...” Era um tenente da polícia que estava alistando 20 homens. “Vem cá”, aí eu saí da fila, deixei o negócio da comida pra lá, cheguei lá, o tenente [], o tenente olhou. Aí ele: “Tenente!” que ele já tinha trabalhado com o tenente na estiva. Não sei o problema da estiva que eu não sei o que era, quando faltava gente ele ia lá e listava aquela quantidade que precisava. Aí ele disse: “eu trouxe aqui este rapaz pro senhor.” “Ah, já tá cheia a lista.” Aí ele olhou: “é esse aí?”, “é”, “ah, eu vou tirar um daqui e boto ele.” Aí tirou o outro que era só [], tirou o camarada lá, que eu não sei quem era e colocou o meu nome. Aí ele disse: “olha quando vocês terminarem de almoçarem, cê

acompanhe ele que ele já sabe pra onde é que é.” Justamente era pra nós ir lá na [] o nosso lugar era ali na São Vicente, bem na pra li, quase próximo ao quartel do [Jessias]. Nós trabalhava na estiva e dormia ali, porão duma casa, mas tinha tudo, tinha banheiro tinha tudo. Quando [], quando terminava o serviço, naquele tempo era o tempo da guerra, que tinha chegado um navio aí o [], carregado de mercadoria, nós vimo de noite, viajando de noite []. Quando terminou o serviço nós ia pra Ponta Pelada, aí a gente ia trabalhar no aeroporto [], era naquele aeroporto que tinha ali, antes ainda trabalhei ali, trabalhei ali. Aí era pra ir pro [rio] Purus, [] era pra ir pro Purus e nunca era chegava pra ir pro Purus. A gente queria pra trabalhar, aí, aí quando, mas só tinha a gente só ia pra estiva, quando tinha serviço [], assim [] demais né? Quando era mesmo serviço pra estiva, a estiva tomava de conta, pra trabalhar. Nós só ia quando era assim, muito, aí que ia lá pegar. Quando terminava a gente ia lá pra, pro nosso barracão lá. Nisso era que nós trabalhava, sempre [], levava nós pra lá, pra nós trabalhar, quer dizer que, na estiva nós ganhava dois mil réis, naquele tempo. E ganhava três pela companhia. Que de lá que, que pra gente [], pros casado ficava ganhando oito. Sempre a família residia lá. E três [] eles recebia todos os meses em viagem. E os solteiros só ganhavam três reais, pela companhia.

(como pela companhia?)

-Era uma companhia que trazia os soldados da borracha de lá, era uma companhia, [] SEMTA, uma coisa assim. Era um negócio de, de, naquele tempo da guerra. Eu não sei quem se lembra dessa companhia, eu sei que na época foi um aperreio. Nós viemo, de, do, eu saí do Rio Grande do Norte, de Areia Branca pra Mossoró e de Mossoró [], até São Luiz do Maranhão, nós em cima de um caminhão de [], viemo pegar navio aqui em São Luiz do Maranhão e de São Luiz do Maranhão pra Belém, quando a gente saía era todo o dia um avião em cima da gente, era muito perigoso, negócio da guerra, onde tinha aquele trecho ali do São Luiz pra, pra [], de São Luiz pra Belém, tinha uma passagem lá que era muito perigosa e de noite ia viajar. O avião rodava o dia quase todo. Quando eu [], quando nós se alistemo pra, pra vim pra estiva, um rapaz que era lá do Rio Grande do Norte, eu conheci ele lá, num pegô a vaga, mas tinha outro alistamento [] lá pra olaria do Brito, ali do outro lado. No Cacau [Pirera], ali perto do Cacau, pois bem. Eu pra vim



Rebêlo et al.

pra cá eu morava lá, pois bem. Ele não pegou pra estiva mais pegou pra lá. E ele sabia que nós tava na estiva. Aí ele veio [], quando foi um dia ele veio bater lá onde nós tava, e contou que lá era barato e o serviço era barato, era 11 mil réis, 11 reais, cruzeiro, naquele tempo não tinha nada de real, era 11 cruzeiro. E quando faltou serviço aí, aí nós fumo[], era dum doutor, que morava aí na, no [], na rua do [], era ali pra dentro que ele morava. Nós fumo lá com ele, se vocês querem lá, pra trabalhar pra lá, tem lugar lá, e se vocês quiserem lá pro Curari, eu tenho um terreno lá no Curari, que tá precisando de gente, mas nós já tinha se conhecido lá na olaria, aí nós fumo trabalhar na olaria. Trabalhei na olaria. Trabalhamo lá quatro anos lá, aí foi tempo que eu inventei de pescar, porque o dono, o chefe mesmo que era seu Brito, foi embora pro Portugal, né? Que era [] um dos portugueses, um dos dono. Afinal de contas eram os três portugueses, [] era chefe da companhia, o patrão, o dono. Aí foi pra Portugal e lá morreu. Aí foi [], aí meteram outro sócio não deu certo de jeito nenhum. Aí eu fui pescar, pescar e tal e tal. Passei uns anos pescando.

(O que pescava)?

-Era [] peixe [], pescava de rede pra vender em Manaus. Naquele tempo dava muito Tambaqui.

(na malhadeira?)

-Não, não. Naquele tempo, quando eu comecei a pescar ainda não havia malhadeira. Depois de um certo tempo, é que começou a malhadeira.

(a rede que o senhor fala é de?)

-É de arrastar. Aí eu trabalhei, trabalhei, foi o tempo que [] eu arrumei família, aí eu digo: não, vou me quietar num canto []. Aí eu [] perguntei da minha mulher aqui como era, que eu não conhecia aqui não. Morava no Cacau mas eu só me dei, eu só achei ela porque ela tinha uma irmã pra lá e foi passar uns dia pra lá, lá pro Cacau e eu tava lá né? Por lá nós se ajeitemo né? Aí nós, eu já conhecia a mãe dela, aí ela contou a situação dela aqui. Será que dá pra nós vive lá? Ela disse que dá [], certo. [Deixei] a minha pescaria e vim me embora pra cá [Tupé].

Aqui é onde cai o céu

Depoimento de Domingos Velozo Vaz, anos, índio Dessana.

-Nós somos naturais do município de São Gabriel da

Cachoeira, nós somos do Distrito de Pari Cachoeira, nas fronteiras da Colômbia e Brasil. É [] um Distrito, é uma missão dos padres. É uma aldeia, era uma aldeia antigamente e hoje em dia é um distrito [] local. Chama-se Pari Cachoeira. Onde nós nascemos, onde nos criamos e onde nos formamos a primeira [], o nosso estudo da primeira série à oitava. Bom, lá nós somos várias etnias. Somos várias etnias, somos 23 etnias, lá em Pari Cachoeira. Então [] eu, ele, todos nós que estamos aqui: Raimundo Veloso Vaz é meu irmão maior da família [] é, e a Clemência Vaz que é a nossa irmã, a primeira filha, da família, segundo é o Raimundo, terceiro é o Henrique que é administrador da FUNAI lá em São Gabriel da Cachoeira, e o quarto sou eu e a quinta é a Ester, a nossa caçula, [] é da etnia [Dessana]. Agora o restante: essa aqui é a mulher, é a mulher dele, a esposa dele, é a [Tukano] Tukana, [] é o nome dela é Aurora. Ela é da etnia Tukana Batitorobó. Aí parte para a parte da, da, da minha [] irmã, ela é viúva e inclusive tá aqui com a gente e o filho dela tá aqui, [] que é Tukano. Então ela se casou com um Tukano e hoje em dia [], ela é Dessana, casou com um Tukano e ele é Tukano, filho de Tukano, aí ele é Tukano ele, nosso sobrinho. Ele é [] da etnia Tukana, da classe []. Aí depois parte o filho dele que é o primeiro filho Zé Maria [].

(Esse primeiro aqui ou o outro?)

-O outro. [] Zé Maria por favor vem por aqui, tá? Fica feio assim na rede. [] Então o filho dele vem como o primeiro filho dele. A esposa dele é Tukana, que é da mesma classe dela, que é []. A Maria da Conceição [], é de lá também da, todo mundo é de Pari Cachoeira. Aí depois vem ele, que é o filho dele que



é solteiro. Aí depois vem a outra que tá em Barcelos, a filha dele e depois vem essa menina que tava ainda agora aqui, que ta pra lá e depois vem essa aqui. Eu venho depois, a minha esposa é Terezinha Prado, ela é Tuyuka. De lá também, das cabeceiras [] sabe Jacaré, das cabeceiras do Rio []. Ela é legítima e original Tuyuka [] índia mesmo (risos). É por isso que ela veio pra cá, pra [] cansou de viver no mato e veio pra cá viver num [] espaço grande pra [] dizem que, lá nas fronteiras, dizem que aqui é onde cai o céu, o limite do céu, [] do céu, dizem aqui. Antigamente consideravam como um bairro, pois é e hoje em dia é capital. Então, ficou assim. Então nós estamos aqui [] eu tenho cinco filhos, o meu primeiro filho vai se formar para o ano, terceiro ano do segundo grau, aqui em Manaus mesmo [] e a outra segunda filha tá se formando esse ano oitava série [] e o outro tá fazendo sexta série, a outra tá fazendo terceira [] e o pequenininho tá fazendo [] é, primeiro ano. Eu tenho cinco filhos. Tão todos em Manaus. [] Aí depois vêm a nossa caçula [], ela só tem um filho, ele tá se formando na oitava série também esse ano [], ela só tem um filho. É a Ester. Ela só tem um filho. Então, a gente se forma uma família. Fora dos que estão aqui, temos ainda outras famílias que vão vim ainda mais cinco famílias pra cá e vamos completar umas dez famílias pra poder levar, trabalhar à noite e [] fazer o serviço que paguem o nosso trabalho também, como cidadão.

Nasci Aqui

Depoimento de Álvaro Oliveira Bastos, o Barú, 49 anos.

-Nasci aqui no Tarumã-Mirim, em 1954, 26 de outubro de 1954. Meu pai entrou pra trabalhar aqui nessa área em 1949. Então nós passamos 10 anos fora daqui, na cidade, meu pai trabalhou no Tarumã também um tempo, né? Depois voltamos pra cidade de novo e retornamos pra cá pro Tarumã em 1962. Então nós tamos morando aí definitivamente desde 1962.

(O Julião existe desde quando?)

-Julião existe há muitos anos, muito antes de 49 já existia esse nome Julião.

(Já era uma Comunidade?)

-Não era só um igarapé, as casas eram tudo distante uma da outra, né? Pra se visitar um amigo tinha que tirar um domingo. Saía de manhã e só retornava à noite porque era só remando e era dificultoso, os igarapés era muito cheio de mato, né? Poucas casas mesmo. Bom, essa área aqui nós tamos no Tarumã, área do Julião, era uma área que não se tocava em nada, era uma área intocável, né? Porque eles tinham título definitivo e um cidadão por nome Carlos [Stordate]. Eu tenho o mapa dado pelo INCRA, né? Eu peguei dia 15 de maio de 2002, eu tenho completo ele lá com nome, metragem da área todinha, né?

(Lá no Julião?)

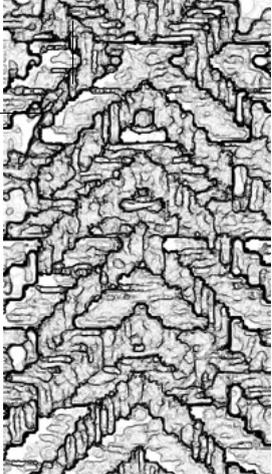
-Julião. Ainda hoje eu tava olhando esse mapa, né?

(Mas qual que é a área?)

-Essa área toda que engloba: Tarumã-Miri, as cabeceiras do Tarumã-Miri, Acácio, extremando com o Rio [Cuieras].

(Era o que, era seringal?)

-Não. Antigamente, dizem que existia um seringal, né? Em 63, nós conversamos com um senhor de idade, ele já tinha uns 85 anos e ele contava que existe um seringal entre a cabeceira do Acácio e a cabeceira do Arara. E que eles jogavam a borracha lá no Sucuba. Lá existia um barracão muito grande e em 45, no tempo do término da guerra, né? Esse barracão ele pegou fogo e desde então foi abandonado isso aí. E agora a gente descobriu no INCRA que tinha esse grande título aí, né? [] Ninguém podia tirar uma árvore, alguém ia lá tinha um vigia, comunicava a polícia, a polícia buscava o cidadão na base da peia. No tempo que ficou assim passou pra mão de um português chamado José Grilo. Dono de uma olaria, né? Aí, José Grilo morreu, ficou na mão da esposa dele que era dona Emília, Emília Grilo. Depois ela vendeu a posse do finado pro José Sobreira do Nascimento.



Rebêlo et al.

(E aí? Agora tá aonde?)

-Agora tá nisso aí, né? Ele morreu e ficou pros herdeiros, mas conforme o Coordenador da SEDEMA, eles nos orientaram que antes de ele morrer ele passou essa área do Tupé pra ser uma área de Reserva. Foi Tombada pela SEDEMA.

(Então, pronto. Então é área de RDS)

-É, já foi constatado que é.

(Aí agora é área do Estado pra ser administrada com termo de ocupação de posse de todos os moradores cadastrados. Então por isso que as comunidades aqui tem que se organizar. Através dessas entidades tem que reivindicar isso. Entendeu? Mesmo por que aqui tem um monte de outras comunidades além dessa)

Bom, como eu ia contando, né? Quando passou pra o Nascimento, aí o povo começaram entrar, tirar uma madeira, cortar madeira, começaram entrar, ele já não [importava] mais. Até que muitos começaram fazer casa no terreno, chegou um ponto dele chamar aí em 1972, ele teve uma reunião com o pessoal aí, né? Aí disse que ele não ia mexer com ninguém, ia deixar as pessoas que quisessem trabalhar na terra, fazer plantio, né? Mas não plantasse [bem de raiz], porque ele não ia brigar com o povo pequeno e ele ia brigar com aquelas pessoas grandes que ganham dinheiro. [] a posse de uma pessoa do que brigar com ele. [] o Deus dele era o dinheiro. Ele não acreditava em Deus. Então agora ele já morreu, né? Antes dele morrer ele passou essa área pra Reserva, né? Mas ainda tem os herdeiros que parecem que ainda fazem alguma questão sobre isso aí. Não tô bem informado, mas existe ainda. Então depois disso criou a primeira Comunidade: Livramento, depois veio Julião, depois do outro lado também [] outro título que é do outro português chamado Tino.

(Mas isso é do outro lado do rio?)

-Do outro lado do rio.

HISTÓRIA DA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO TUPÉ

Assim que o povo ficou vigia do lugar

Depoimento de Glicério Luis Ferreira, 81 anos, aposentado, nunca estudou.

(Quando o senhor chegou aqui?)

-em [1957]

(como era aqui?)

-Era um lugar quase sem [] o lugar não tinha nada, aí veio ter nome de um certo tempo pra cá, foi que veio começar a ter o [] porque [] quando esse pessoal conheceu o Tupé.

(mas já chamava Tupé?)

-Tupé, agora o pessoal já não chama mais Tupé, chama: praia do Tupé, que não tinha. Essa praia foi feita, todinha ela foi feita manual.

(quem fez essa praia?)

-Uma família [] a família da Florência, onde eu tô no meio da família. Eu sou casado com a filha dela, que já é falecida. Lá no colégio nós temos um retrato de uma preta lá, Florência, da Deuza, Deuzuide, que é minha esposa. Ela era merendeira daí. Pois é eu cheguei aqui pra cortar lenha, cortar lenha pro estado e para ser dono de olaria. Quando ela chegou pra cá, minha sogra com ela, esse lugar aqui não era de ninguém [], não tinha ninguém, era do estado [], era do estado. Agora depois foi que apareceu uma família, um pessoal, de uns portugueses aqui.

(ameaçando?)

-Ameaçando. Chegou a minha sogra [], eles [], ela chegou aqui em [1945], minha sogra. Aí chegou uns portugueses, foi que pediram uma permissão a ela pra [], que iam cadastrar, pra deixar legalizar o lugar, [] não tinha problema, problema não, com ela não. Justamente eram dois portugueses que tinham ali, na Leonora do [], eram dois irmãos, José Brito e Manuel Brito. Era dono de olaria, um do lado e outro do outro. Pois bem e é assim que o povo ficou, vigia do lugar. E foi quando eu vim pra cá, eu cheguei, ela chegou em [1950] prá cá, em 50, em 45 e eu cheguei em 57.

(veio trabalhar pro estado?)



-Cortava lenha pro estado e pro donos da olaria

(e o estado usava essa lenha em quê?)

-Ah naquele tempo ainda era bombeamento, ainda era [] uma parte da, muita parte cortava lenha. [] veio passar, era pra coisa, como nós tinha, era [], depois é que passou pra CEM, foi que diminuiu a lenha. Por que não se lembra que tinha esse, era Manaus []? Depois que passou pra queimar, depois que passou pra CEM que ficou queimando diesel, já diminuiu muito o corte da lenha. Daí foi rebaixando o corte de lenha, mas era só pra um bombeamento, pra uma padaria e tudo.

(e nessa época vocês tiravam lenha de onde?)

-Dessa beira de rio, todo o pessoal tirava e tirava daqui de dentro, só que aí nessa beira de rio não alcancei mais, por causa da tocária, só dava tocária, aí eu cortava aqui pra dentro já

(e tinha alguma árvore preferida ou tirava qualquer uma?)

-Não, não, tirava de qualquer uma (e como é que vocês faziam?)

-Eram madeiras quase de igapó que a gente tirava. Era de igapó mesmo, não tinha muito da terra não, da beira da terra não. Era assim inda não era madeira de lei era madeira mesmo, era só mesmo pra fazer as coisas, pra queimar, não tinha madeira de lei não.

(como vocês trabalhavam eram de turma?)

-Era de turma, quer dizer [] a equipe aqui era do estado vamos dizer assim né: o senhor que tinha uma vontadezinha chegava aí, o senhor quer trabalhar comigo? O que é? É cortar lenha pro estado. Mas como você faz? Eu faço a tantos metros ou que fosse de tonelada que o senhor

vendia, eu pago já, tanto! Ah, eu vou! Aí se juntava uns dez ou quinze homens aí entravam pra um lugar assim, aí formava aquela, assim era o dono de um ponto, chegava numa ponta dessa qualquer, limpava, ajeitava e ficava pra carregar a lenha de canoa naquele ponto, no ponto da embarcação pegada. Quer dizer o senhor era o dono de um ponto. Outro chegava e fazia a mesma coisa, 10, 15 ou 20 daí por diante.

(e aí tirava no machado?)

-É só no machado, naquele tempo ainda não existia motosserra, se existia, mas não aqui.

(e aí arrastavam pra beira?)

-É, aí carregava de canoa, colocava no canto e quando a embarcação, o motor vinha pra carregar e trazer os batelão, aí é que a gente, as vezes era lugar que não podia nem chegar, tinha que embarcar de canoa de novo pra gente desembarcar nos batelão.

(e tinha uma época certa?)

-Tinha, é porque a gente cortava o [] hoje, o seu produto hoje, porque o senhor era o dono. Nós não tinha nada com o estado e nem com qualquer que fosse, o nosso negócio era com o senhor, porque o senhor era quem mandava no seu []. Aí o senhor ia lá e custava pra chegar a embarcação pra levar a lenha e o pessoal que queria o dinheiro já tinha às vezes a carga de um batelão de dois. O senhor ia lá onde o senhor contratou né? Pro estado ou quem quer que fosse, aí você guerreava, queria que o batelão viesse logo que é pra levar aquele, e fosse em um lugar assim como esse que fecha assim a boca, então [] tinha que levar o produto antes de fechar.

(o inverno era a melhor época?)

-Era, da enchente cheia.

(e quanto eles pagavam?)

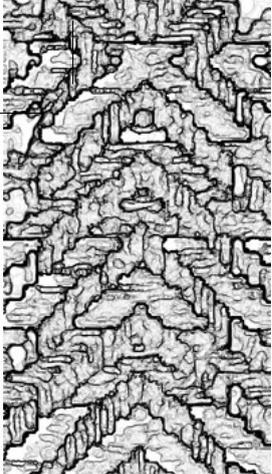
-Vixe! Era uma mixaria, tinha cada tonelada. Depois de muito tempo já que passou de 60 cruzeiros. Naquele tempo era cruzeiro ainda.

(uma tonelada?)

-É uma tonelada.

(o que dava pra fazer com isso?)

-Rapaz não dava pra quase nada, mas o jeito que tinha era dá. Porque não tinha outro meio. Se você fazia uma roça, a pessoa fazia uma roça aqui, aí fazia a farinha, aí saía pra vender. Pra vender, naquele tempo a farinha quase toda era empaneirada, não era, agora é toda encharcada, preta, quase toda era empanada. A gente pagava às vezes 10,15,8,6 [] paneiros de farinha



Rebêlo *et al.*

pra levar pra Manaus e passava uma semana andando de São Raimundo, pu Educando, [], levanta pra cuidar da farinha, ah, não quero ir não, isso e aquilo outro. Era muito era ruim, era ruim pra ir, só era ruim. Bom pra comer, porque peixe tinha muito, mas pra vender essas coisas assim. Onde pegava um dinheirinho mais fácil era na [lenha] que entregava, o caba recebia logo.

A construção de uma praia: “isso aqui vai ajudar a criar os filhos de vocês”

Depoimento de Glicério Luis Ferreira, 81 anos, aposentado, nunca estudou.

(durante quanto tempo o senhor trabalhou na lenha aqui no Tupé?)

-Eu trabalhei só uns dois anos, não, uns três anos mais ou menos na lenha. Aí foi o tempo que veio [fracassando] também, aí eu, fui trabalhar na roça, fazer roça.

(já era aqui neste sítio mesmo?)

-Não, morava mais aqui em baixo um pouco, [...] que esse igarapé aqui mesmo, que vai aqui, ele tem o nome da minha sogra, igarapé da Florência e esse outro aqui é o igarapé chefe. Tem muitos braços e todos, todos esses braços tem nome. Mais os braços chefe mesmo é esse o igarapé da Florência e esse outro é o igarapé Chefe. Pois é, eu fui fazer tupé, trabalhei, trabalhei. Aí, mas antes disso [] começou a chegar aqui um barco, um barco grande. Isso em [1963], um barco grande. Chegava, [] onde tinha esse negócio que é da SEDEMA, [centro de visitantes], naquela parte ali, ele encostava ali, minha sogra morava bem ali perto do barraco. Aí eles falaram com minha sogra se ela não queria fazer uma limpazinha ali onde tinha um pau, separado de uma [árvore], ainda hoje tem uma árvore separada. Aquela árvore tinha que [], era tudo família, era tudo policial, era tudo policial, era o pessoal do exército. Com a família, era tudo família, era o pessoal do exército, a maioria deles tudo sargento reformado, tudo pessoal que fazia serviço pros seus netos, seus [], era família né? Não era assim, não era nada de bagunça, era só, aí nós fizemo aquela limpa. Encostavam a lancha deles, dia de sábado, todo o sábado eles vinham.

(então não existia a praia?)

-Não. Aí [], aí ficou. Ficou ali, ficou ali, não sei o quê que houve [] rodeando, aí entrou a coisa, o [] Carlos,

esposo da que era gerente da VASP, seu Carlos Souza. Ele foi tomar um banho aí na Ponta Negra e [] ele não se deu lá. Aí um camarada lá informou aqui o Tupé, que tinha uma ponta de terra bonita, justamente a ponta ali era linda, isso aqui, daquele lado dali, só quem ficava daquela ponta ali passava semanas ali, naquela ponta [] os que vinham ali passavam semanas, que aqui era muito bonito [] caía muito [jacaré], ainda mais pegava [] ovos de tracajá, rapaz tava aí, passavam era semana aí. Aí o seu Carlos Souza chegou aí e tal aí falou pra fazer um, limpar ali perto da ponta, a ponta nada rapaz, [], [], a parte mais pra cima, pra poder fazer uma limpeza ali, mas é coisa pouca. Aí limpamo ali, [], aí foi se chegando, se chegando mais era só embarcaçõzinha pequena, não era.

(isso foi já em que ano, que o Carlos Souza chegou?)

-Rapaz não sei em que ano não, mais faz um bocado de ano.

Pois bem, fizemo lá o serviço e ficô. Aí foi quando chegou o pessoal do distrito. Cristóvão Pinto, ele era não sei o que da [], e ele parece se eu não tô enganado ele era não sei o que da Santa Casa, ele era agora eu não sei se tá ainda. Aí ele chegou aí e pagou pra gente fazer aquela limpa daquele lado do colégio. Aí a gente foi fazendo e tal, aí o pessoal foram chegando, foram se animando e foram chegando, trabalhando. Aí foi e disseram: “olha, vocês vão limpar isso aqui, pra que vão, vocês limpam, isso vai servir pra ajuda de vocês. Pra vocês deixarem de trabalhar na roça, serviço de roça não vai pra frente, vocês tão, tá prejudicando o meio [ambiente]. Vocês trabalham pra morrer, e os senhores não vão fazer nada. Vocês limpam isso aqui, que isso aqui vai

servir pra vocês [], ajudar a criar os filhos de vocês” []. Começemo a trabalhar. Aí quando era dia de sábado eles traziam uma coisinha, um troço, um quilo de açúcar, um quilo de um, um pacote de café, um quilo de pão, uma coisa assim. Eles passavam, sábado e domingo, saia dava aquela gratificação pra gente. [] Sei que nós trabalhamos aí, um bucado.

(e vocês continuaram trabalhando na roça?)

-Continuemo, trabalhando na, que dizer, que nós gente trabalhava assim, meio dia pra cá e o resto do dia pra lá. Foi, foi, foi, aí chegou o Jalmir que é o presidente o, o presidente da comunidade. Ele é casado com uma filha minha, aí foi que ajudou. Aí quando nós aprontemo, isso aqui quando nós aprontemo, eles disseram, bom, isso aqui não é pra nós []. Vocês fizeram, isso é de vocês, nós só que fica aqui os fim de semana. Vocês fizeram isso aqui e isso é pra vocês ganharem o dinheirinho de vocês, que vocês não tem da onde tirar. Vocês deixarem de trabalhar na roça, não trabalhem mais na roça, quando vocês, se vocês chegarem a trabalhar na roça, vocês fazerem só um [], meia quadra, uma coisa assim, pra vocês terem uma farinhazinha fresquinha e tal. E não corte mais a mata, não corte mais a mata. Mas aí deu, não deu pra enriquecer, mas dava pro sujeito. Nós melhoremo muito a situação com a entrada do []. Quando era doença, nós não tinha preocupação, era só falar com eles, que se o médico tivesse aí, resolvia as vezes o problema, e se não, a gente já ia encaminhado, chegava lá não ia pra firma não, ia [] direto falar com os médicos, por causa deles. Aí foi indo, foi indo, acho que não passou um ano, eles diziam pra nós, vocês gente

cobram, porque vocês foi que trabalharam aqui, vocês cobram de quem encostar vocês cobram, o que derem vocês recebe, um real, ou um quilo disso ou o quilo de uma coisa, sim o que derem vocês recebem. Tá na área de vocês. Mas tinha muito, tinha muito que não dava era nada, ah, hoje eu não dô deixa da outra vez e tal e coisa. Tá, tá bom, não tem problema. Depois meu irmão, antes de terminar, aí veio uma bronca trazida do IBAMA.

(quando que foi isso?)

-Não tô lembrado.

(mas porque que o IBAMA veio pra cima de vocês?)

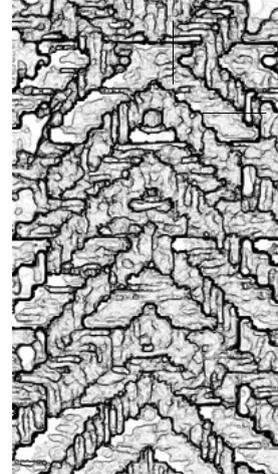
-Porque o IBAMA ele, ele veio pra cá, porque aqui tinha aqui pra dentro d'água do Tupé tinha um [], tem uns igarapé que tem pedra né? Aí quando chegou a comunidade pra cá, aí a comunidade não queria mais que o pessoal tirasse as pedras. Aí [neste espaço que eles tiravam não paravam] aí eles foram chamar o IBAMA pra ver. Daí ele encasquetou, aí fez uma reunião aí do, dessa comunidade Assombrado, o lugar não era tão coisa, mas era meio assombrado. Aí o IBAMA veio botaram eles pra fora e depois veio fazer o, uma reunião com nós aí na praia. Eles falaram um bocado de coisa, sei que chegou a conclusão de que aqui dentro eles iam colocar um flutuante aqui no meio d'água, armado até os dentes. [] eu acho que ele calculou isso, foi, mas pra que se a comunidade até que não tinha muita gente, armado até os dentes pra quê? Aqui não tinha bandido [], nem traficante, nem essas coisas. Aqui tinha um bocado de velhote, pai de família e criança, que não tinha nem aula naquele tempo ainda.

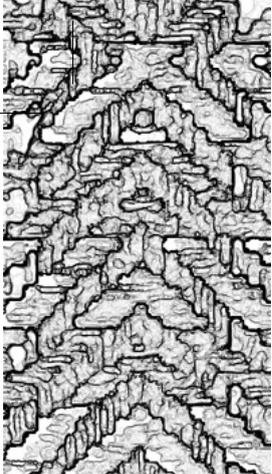
(mas era o pessoal da comunidade que tirava pedra?)

-Não, não. Não era não senhor.

(mas então porque a bronca?)

-Sabe porque era, eu calculo assim, era porque veio também outras qualidades de gente. Aí depois, que veio, veio, vinha gaúcho, vinha, tinha colombiano, eu acho que eles tavam cismado de ter tráfico, que colocaram tudo aí pra dentro, eu acho que eles tavam calculando que tivesse alguém plantando droga, essas coisas assim. Aí mandou o prefeito implantar um monte de []. Eu acho que eles tavam cismado por isso. Aí se alguém plantou este mal não dava aqui. Pois é [], daí [], que até uns dia nós tava plantando uma farinha aí, a nossa casa de farinha era mais ali, mais embaixo um pouco, onde tem as mangueira, aí [] tinha uma roça []. Como nois terminamo de fazer a farinha, era assim uma hora da





Rebêlo *et al.*

tarde mais ou menos, ai vnhemo pra cá [], vnhemo pra cá e aí dá uma chuvinha, quando dá uma chuvinha [] nós já tinha feito muito beiju, o senhor conhece beiju? Pois é eu tinha feito []. Ele ainda olhô e disse “é beiju, né?” Eu digo: “é”. Aí ele queria que eu dissesse onde que era um barracão que tinha aqui em cima daquela terra. “Poxa, [] conheço não” []. “Mas você não mora aqui?” Eu digo: “moro, mas eu moro aqui. Eu não sou, não, não, não sei o que, não sei o [que] desse barracão, eu, eu sinceridade eu moro aqui, mas não sei se tem esse barracão, nunca nem ouvi falar. [] que colocaram aí pra dentro, que eu nuca mais fui ai pra dentro, e é isso mesmo. [] É, mais diz que tem um barracão aqui dentro, que tem um pessoal trabalhando num sei o que []. Se tem, eu não vou dizer que [] tem ou não tem? Digo logo assim não, não tem, não sei se tem, é mal. Eu não, eu é que não sei”. [] ficamo conversando daí, conversava, aí ele [] “e o beiju?” Pra mulher. “Está aí, o senhor come?”, “claro, mas claro!” Aí ela pegou e deu beiju pra eles []. Daí foram nas minha roça ali dentro [] tinha dado um bucado de plantação de café. Tava tudo [] numa sacolazinha. Arrancaram o café quase todo, jogaram. Acho que é porque [] daqui, né? []. Não sei se eles pensavam que era droga, não sei não, não sei que diabo foi que eles pensaram, pra ficar [].

(esse pessoal era do IBAMA?)

-Não, não, era da polícia, era da polícia. Aí eles ficaram com essa coisa. Depois [], depois chegou-se a SEDEMA. A SEDEMA foi quem [] botou nós pro mato de novo. SEDEMA chego [], aí o pessoal que era nosso caíram fora []. Caíram fora e aí liberou pro povo lá []. o povo da mata [].

(fazer roça)

-Fazer roça.

(Mas o movimento na praia nessa época já era desse jeito?)

-Já era bem desenvolvido, já. Aquela praia foi crescendo. Mas só que essa praia dali, essa praia dali, aquela praia dali. era lá do [], na verdade era com o Jaumir [], essa praia de lá [] pra dentro da vila, aquilo ali era, era nosso. Era nós que mandava naquilo ali. Aquilo ali ficava intrucheirado só de família.

(vocês tinham barraca ali?)

-Tinha uma barraca.

(e vendia o que lá na barraca?)

Não vendia nada. Só fazia ao mandado deles.

(Ah, o pessoal chegava...)

Era, tinha uma casa grande, [] uma barraca grande assim e uma mesa também, mas aquilo ali era, era, era mandado sempre por eles, né. Aquele cara ali [] da vida dele e tal e coisa.

(Esse pessoal do [distrito]?)

-Esse pessoal de Manaus, esse pessoal [] pois bem. Aí [], aí nós tentava fazer esse serviço aí não aparecia ninguém pra empatar. Quando o serviço tava quase feito [] SEDEMA, o IBAMA. Aí vinha lá um doutor lá, um doutor outro, jacaré muito bravo. [] perguntando quem era o brabo: quem é o brabo daqui?

A Comunidade era o povo todo mesmo do interior

Depoimento de Jaumir Matias de Magalhães, 44 anos, funcionário da SEDEMA, 1º grau incompleto.

(Por favor, Jaumir conta pra gente como é que foi o histórico aqui da Comunidade do São João, quando que começou, se já tava aqui, se não tava, como que cê pegou isso aqui?)

-Eu cheguei aqui em 22 de outubro de [1986] e tinha um morador, né? Lá dentro do Lago. Tinha um aqui na entrada, logo na praia, que era a sogra do meu sogro, né? Seu Glicério. E foi bom. Minha chegada aqui graças à Deus eu tive um, assim um assentamento bem, eu vim com um plano de trabalho, né? E o Tupé ele era diferente do que é hoje. O Tupé ele tinha uma visão, falando de meio ambiente, de quando eu cheguei aqui o Tupé tinha uma visão muito melhor. Ele tinha um padrão de meio ambiente muito avançado. Só que naquela época também o meio ambiente ele não tinha expansão pro interior assim, né?



Quando se falava em meio ambiente naquela época era só IBAMA, essas coisas, né? Sobre fiscalização de caça e pesca, essas coisas. Simplesmente falavam em flora, né? Preservação das matas, essas coisas. E quando foi em [1994] se eu não me engano, foi que surgiu a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, SEDEMA, né? Que ela começou um trabalho de conscientização.

(Isso foi em 88, 89?)

-Não a SEDEMA ela já é de

(Quem criou a SEDEMA foi o Artur Neto)

-Foi, o Artur Neto entrou em noventa e

(Na prefeitura ele entrou em 88 eu acho)

-Noventa e dois, ele entrou.

(Noventa e dois?)

-Foi.

(Mas aí ele criou a SEDEMA por aí logo depois?)

-Foi, logo em seguida ele criou. Só que falta de orientação, nós trabalhamos muito com agricultura aqui no Tupé, né? Foi quando começou surgir a Comunidade, em 97, em 87, eu cheguei em 86, logo em seguida, em 87 a Comunidade começou.

(A Comunidade São João foi fundada em 87?)

-Em 87.

(Com quantas famílias?)

-Foi uma faixa de umas 20 famílias quando ela começou.

(20 famílias)

-É, quando a gente começou, né? Eles chegaram. Era um pessoal que já era do Baixo Amazonas, já tavam na Redenção há vários anos, né? E descobriram que essa área tava aqui desocupada e a necessidade da agricultura, né? O povo era todo do interior, e eles vieram pra cá e a gente

começou a Comunidade. A gente se reuniu aqui e começou. Só que nós não tinha uma formação ambiental. Então nós trabalhamos muito, nós desmatamos muito nesta época, né? Até que a SEDEMA...

(Nessa época o pessoal vivia de que aqui? Eles desmataram isso aqui pra plantar roça?)

-Da agricultura, era plantio de roça, mandioca, né?

(Nessa época a farinha é que era o forte)

-Isso, exatamente.

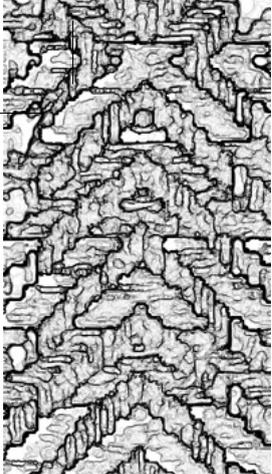
(Não tinha essas barracas na praia?)

-Não, nessa época eu acho que eu era o único daqui que não tinha roça. Eu cheguei a colocar na época até uma roça, né? Eu desmatei uma capoeira na época, já pro final de 87 eu fiz uma rocinha pra mim, né? Porque o rio secou e eu fiquei sem [], quando eu cheguei no Tupé o meu trabalho já foi desmatar. Eu comecei limpar a praia, comecei a, o pessoal que vinha pra cá começou a trabalhar comigo e eu fui investindo, fui limpando a praia, fui fazendo. E então eu tinha pouco tempo de cuidar de roça, eu coloquei uma roça só. Depois eu comprei outra roça de outro rapaz. Quando foi no trabalho da SEDEMA, já mesmo severo assim, que ela já tinha mesmo assentado, né? Então eu parei de botar roça, mas o pessoal ficaram colocando roça. A Comunidade era o povo todo mesmo do interior. Eles moravam na cidade, mas era um povo que já era do interior, né? Eles trabalhavam só com agricultura. Nós tivemos também exploração de pedra na época, aqui dentro, né? Nós temos três igarapés dentro do Tupé, que tem pedra, de onde eles extraíam pedra. Antigamente também antes que eu chegar o pessoal extraiu pedra. Na época do seu Glicério, ele chegou mais ou menos em 58, né? O povo tiravam lenha pra chata, né? Chamavam lenha de tonelada. Então eu não alcancei, quando eu cheguei aqui não tinha mais isso aí já, né? Até a pedra quando eu cheguei, eles tinham parado de tirar. Agora depois, com dois anos depois da Comunidade fundada, o presidente na época ele liberou que o pessoal tirasse pedra. Só que dava muito turista aqui nessa época, muito turista.

(De quem foi a idéia de criar, de fundar uma Comunidade?)

-Essa idéia veio de Manaus, foi desse pessoal que vieram de Manaus, tá? É uma família, que segundo que eu conheço a história eles já têm três Comunidades grandes fundadas, né? Que eles fundam essas Comunidades.

(Eles tão aqui ainda?)



Rebêlo *et al.*

-Não, não. Tem apenas um que ainda tem terreno aqui dentro, né? Mas ele tá em Manaus.

(Ele não participa?)

-É, ele vem pouco, né? Porque ele já tá se colocando lá pro [Autazes], ele já conseguiu outro terreno pra lá, mas eles moram na Redenção, né? Só que eles fundaram uma Comunidade lá no Mucambo, Baixo Amazonas, eu não conheço, Comunidade São João, eles fundaram a Comunidade da Redenção, uma Comunidade São João lá que é, né? Que foi fundada por eles também.

(Gostam de São João)

-Gostam, eles são devotos a São João. E fundaram essa aqui também São João, foi começada por eles, né? Seu Manoel Palheta, Seu Antônio Palheta, o seu [Chico] Palheta.

(Quem foi o primeiro presidente aqui da Comunidade?)

-O primeiro presidente foi o Carlos Alberto que veio junto com eles, na época, né? Um rapaz novo na época e ele tirou dois mandatos como presidente. Quatro anos, né? Que é o primeiro e segundo mandato.

(Carlos Alberto de quê?)

-Carlos Alberto Lobato. Foi um bom camarada, até hoje um amigo nosso, né? Foi que fundou junto com a esposa dele.

(Ele ainda mora aqui?)

-Não ele mora em Manaus, mora na Redenção. Ele é o presidente da Comunidade Redenção lá, lá em Redenção. Na Comunidade São João de Redenção.

(Aí depois que ele saiu quem que entrou?)

-Entrou o Raimundo Silva, que ficou no lugar dele, né? Foi o segundo presidente. Raimundo Silva tirou mandato de dois anos e depois passou pra dona Erundina. A Erundina tirou um ano de mandato, era dois anos o mandato, né? Como é até agora, é dois anos de mandato, ela tirou um ano, passou pra o vice, que era o Seu Dedé, que era parente também do Seu Manoel Palheta, que a gente chama ele de Teco apelido de casa, e o Seu Dedé terminou o mandato. Aí depois do término do mandato do Seu Dedé, entrou o Nidoval, né? Que a gente chama ele de Doval também. Intãoce ele fez dois mandato. Ele tirou o primeiro mandato de dois anos e o segundo mandato ele tirou parece que oito meses, seis meses, oito meses ele tirou mandato, aí deu um pequeno problema e ele teve que renunciar, né? Foi o quarto presidente. E na renuncia dele eu assumi como interino,

né? Por quatro meses. Aí nós fizemos uma pequena eleição e por motivo de doença eu renunciei, passei a presidência pra pessoa que eu tinha colocado como vice, né? E ele tirou o mandato, terminou o mandato do Doval, fez o período dum mandato em um ano, da eleição que ele tinha feito na época, né? E com um ano ele também teve que renunciar, teve que sair, Ele não mora mais aqui, é o Roque. Parece que é Raimundo Roque - Régis o nome dele. Foi um bom presidente também, ele trabalhou, fez a gente não fazer certas coisas, porque a Comunidade inteira também ela depende, né? Ela tem que ajudar e às vezes quando a Comunidade não ajuda o presidente não pode nada, né? Com a saída, com a renúncia do Roque, aí eu tornei a assumir como interino, eu tirei um mandato de um ano dele, o resto que faltava o mandato dele, como interino. Nós fizemos a eleição, aonde eu disputei novamente a presidência junto com o Doval e eu ganhei novamente a eleição, né? E completei um ano agora dia 21 [21.04.03].

(Desse mandato agora?)

-É, desse mandato que eu tô. Completei um ano, só tinha um ano. Intonce foi mais ou menos isso.

(E nesse tempo a Comunidade aumentou de tamanho, diminuiu, o quê você acha?)

-A Comunidade ela diminuiu. Ela diminuiu porque cada uma, a nossa Comunidade ela não tinha um local, um centro, um local, como nós temos hoje, né? Hoje nós temos um campo, temos uma escola, temos um posto de saúde, temos a Sede, que é o Centro Social, nós temos uma faixa de, entre tudo, 16 casas, ou é 18 casas.

(De quando que é essa Vila? Essa Vila aqui de dentro da Comunidade? De



quando que é? Por que quando fundaram não existia?)

-Não, não. Quando nós fundamos a Comunidade, o Lago era, foi até hoje ela é assim, ela faz parte, todo Lago [Lago Tupé] faz parte da Comunidade, agora nós colocamos ta com uns 6 anos mais ou menos. Desde então tá com mais de sete anos, uns sete anos. Nós indenizamos, que isso aí era o terreno de uma pessoa, né?

(De quem que era esse terreno?)

-Esse era do primeiro presidente, esse terreno. Carlos Alberto.

(Vocês compraram dele?)

-A Comunidade se reuniu, conseguiu o dinheiro e indenizou a benfeitoria dele, que ele tinha uma casinha, tinha umas plantas, né? E a gente, aí a Comunidade indenizou, foi na época do Seu Dedé, na presidência do Seu Dedé, né?

(E aí distribuíram os lotes?)

-Os lotes, exatamente. Pra fazer a Comunidade, o Centro da Comunidade. Agora temos a escola, nós temos o posto de saúde, o posto comunitário de saúde, né? Nós temos o centro social, então nós faz até reuniões, faz a festa da Comunidade.

(Que é ali atrás da escola?)

-Isso, aquela casa ali.

(Quando foi construído o templo da Assembléia de Deus e a Igreja de São João? Elas são mais ou menos da mesma época, como é que é?)

-Não. A Igreja Católica ela é um pouco mais velha construída aí.

(Ela é desde a época que foi criada a Vila?)

-Isso, exatamente. Eu acho que foi uma das primeiras casas que foram construídas aí, logo depois que a gente fez uma escolinha pequenininha, né? Foi a primeira casa que foi feita ali, foi uma escolinha pequenininha. Logo em

seguida a Comunidade se reuniu, né? Porque de religiões são duas igrejas, né? Assembléia e a católica. A comunidade católica, a Igreja católica se reuniu e construiu a Igreja. A nossa igreja ela era num terreno lá dentro no final do Lago, né? Lá na boca do Igarapé da Cachoeira. Lá que construíram nossa Igreja. Mas aí a gente viu que melhor seria na comunidade, no centro da Comunidade, né? Nós reunimos a Igreja Evangélica, né? E nós construímos o templo da Assembléia de Deus.

(Quando que foi isso?)

-Olha, eu não tô assim, pra dizer pra ti, foi no dia tal, no ano tal.

(Mais ou menos)

-Tá com uns quatro anos agora. Quatro anos que foi construída essa igreja.

(Como que funciona? Tem pastor?)

-Tem, nós temos pastor. Só que o pastor ele não fica aqui exatamente, porque o pastor ele toma conta, muito longe, dá horas e horas aqui, é o [campo] que a gente chama, né? Da área que estende a Igreja Evangélica, então ele trabalha daqui até Manaus, ele tem uma área em Manaus também. Tarumã, tudinho, ele tem a Igreja onde ele [campia]. Então cada uma Igreja dessa tem uma pessoa responsável, que é o dirigente, né? Então nós temos uma dirigente que mora aqui, a Artemis.

(Artemis que é dirigente?)

É, a Artemis que é dirigente, né? E a gente se congrega. Eu confesso também na Igreja, né. Eu vejo, prego, canto junto, né? E a gente se congrega junto.

(Quem que é o pastor?)

-É o pastor Gilberto. Ele mora em Manaus. Eu não lembro o sobrenome dele, to sem memória.

(E o pessoal da Igreja Católica, também é semelhante, não tem padre aqui, né?)

-Não.

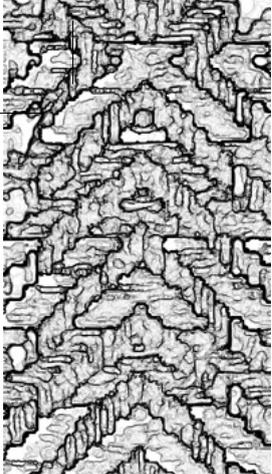
(Mas tem um padre que visita aí).

-É. Quando tem algum movimento, quando a igreja pede a presença do padre, ele vem, né? Porque o padre também dessa área ele tem uma área muito grande.

(Quem que é o padre dessa área?)

-Padre Geraldo, mas eu também não lembro o sobrenome dele. Padre Geraldo é uma homem muito legal, gosto muito dele, né? Dou muito com ele. E sempre eles vêm aqui na Comunidade. Qualquer movimento que tem aqui eles vêm, né?

(Mas quem que fica responsável?)



Rebêlo *et al.*

-A Dona Jane, a mãe do [John], que é um companheiro de trabalho, meu colega de trabalho, né? Ela que é a dirigente aqui, a ministra da Igreja Católica.

(Agora, cê diz que quando começou tinha uma escola pequena. Aí depois fizeram essa escola grande)

-A escola primeira que tinha ela era comunitária, foi nós que fizemos a escola pra começar. Porque primeiro nós tinha [paradeiro].

HISTÓRIA DA COLÔNIA CENTRAL

A abertura do Ramal: era mata fechada mesmo, não tinha trabalho de nada

Depoimento de Álvaro Oliveira Bastos, o Barú, 49 anos.

-A história desse ramal, nós távamos em mil novecentos e acho que 94, um cidadão por nome Ciro ele nos procurou, procurou a direção da Comunidade do Julião, né? E queria uma pessoa que informasse onde tinha uma área que não pertencia, que já tinha conhecimento que essa área onde nós estamos aqui, né? Pertencia à União. Ele já tinha tido um problema aí pra cá. Na margem do Acácio tem um terreno do Seu Sebastião [Monterusco]. É um título. Então ele tava trabalhando dentro dessa área aí e foi embargado, teve briga com eles lá e ele foi tirado de lá.

(Mas o quê que ele tava fazendo lá?)

-Ele tava com uns projetos de uma cooperativa, né? Então ele foi embargado.

(Uma cooperativa pra loteamento?)

-Loteamento da forma como tá aqui. Isso aqui tudo foi loteado, né? E assim ele tava fazendo lá. Mas como ele não teve acesso nenhum lá, né? Ele procurou a Comunidade do Julião e nessa época o Delegado Sindical era outra pessoa, né? Era o próprio presidente da comunidade lá da Associação. Aí ele informou que sabia que eu conhecia muito aqui, né? Aí foi que dia 24 de julho de 1994 eles deram entrada nesse ramal lá. Tinha um topógrafo que pagava a gente pra fazer esse trabalho aí, né?

(Julho de 94 foi época de Copa do Mundo, né?)

-Foi nessa época mesmo e o pessoal trabalhava e no dia do jogo eles corriam pra lá pra comunidade e a gente ia apreciar tudo junto.

(Lá no Julião?)

-É. Então eu não queria trabalhar com esse homem, porque eu nunca tinha trabalhado assim. Ele veio umas quatro vezes em casa e disse que me pagava bem. Até que eu conversei com o Delegado Sindical e ele disse: rapaz vai trabalhar, porque o homem é bom e paga e ele precisa de ti.

(Aí abriram essa picada?)

-Aí foi que nós abrimos essa picada aqui.

(De uma ponta a outra?)

-Até o fim lá. Mas o ideal era atravessar o Acácio.

(A idéia era atravessar o Acácio?)

-Porque teve essa sobra aqui até o Acácio é aberto, mas aqui pra dentro. Então essa direção aqui vai atravessar aqui (mostrando o mapa).

(E por que não chegou lá?)

-Porque quando chegou bem aqui denunciaram ele.

(Quem que denunciou ele?)

-O pessoal mesmo, que tavam com ele aqui. Tavam sendo enganado. Tava cobrando uma taxa.

(Quanto que era?)

-Na época eu não tô lembrado. [] Aí ele abandonou, a Polícia Federal parece que andou atrás dele. Inclusive ele ficou me devendo.

(Ah, ele ainda ficou te devendo? Ele saiu daqui preso?)

-Ele se escondeu, mas não pegaram ele não, se escondeu. [] Inclusive ele fez negócio comigo com uma motosserra nova, né? Fez umas cinco motosserra, era pra uma madeireira, ele desviou esses motor pra cá. Pegou um terreno lá onde eu tô agora morando, ele teve serrando lá, ele devastou a madeira quase toda do terreno, aí foi a época que denunciaram ele e ele sumiu, né? Quando eu tava lá numa boa, né? [] derrubar 20 hectares de



mato pra gente fazer plantio de cana. Aí conforme ele não veio mais aí já quem apareceu lá na minha casa foi um agente da polícia civil, pra pegar o motor, né? Mandou deixar uma ordem, eu não tava em casa nesse dia, né? Tava na cidade. Levou o motor e deixou a ordem pra eu comparecer lá na delegacia em São Lázaro.

(E ainda sobrou pra você?)

-Foi. Aí eu fui lá, esclareci que eu tinha ido trabalhar com ele aí, né? E eu pedi uma garantia de ficar no terreno lá enquanto ele não me pagasse. Nós somamos naquela época o trabalho todo que eu tinha na mão dele, trabalho aqui, trabalho de lá, dava 3.770 reais. Aí fui na delegacia, registrei a queixa, pedi autorização pra mim ficar lá no terreno. Aí o delegado disse que não era aconselhável, né? Mas que garantisse pra ficar até na época que ele chegasse pra me dar o pagamento e eu sair do local. [] delegado é o seguinte: eu não tô precisando de mais terra não. Eu tenho outro terreno que era bem extremado com este. Eu só quero ir pra lá por causa do meu trabalho. E esse homem até hoje não apareceu.

(Nunca mais? Já vai fazer 10 anos?)

-Dez anos. Dois anos depois apareceu a esposa dele lá querendo me tapear com 500 reais, né?

(Quem que é a esposa dele?)

-Era uma senhora por nome Chagas. Falei pra ela que eu não tinha negócio não com ela. O delegado me orientou que eu não fizesse negócio nenhum com ele aqui, se ele aparecesse era pra nós ir lá na delegacia pra gente resolver isso por lá. Chegou com um casal pra ficar no terreno e eu disse pra ela: “cê paga meu trabalho aí todinho”, depois disso eu derrubei quatro hectares, quando ela chegou já

tinha plantado tudinho, a minha roça tava dessa altura, por igual. E o rapaz foi lá com meu irmão, “olha lá na casa lá. Quem fez esse trabalho aí, meu irmão? Rapaz, o pessoal não tem mais direito de sair fora daqui”. Ele disse: “não tem enquanto eles não vierem pagar”, porque eu não fazia questão daquela terra não. Fazia questão do meu trabalho, né? E até hoje se ele chegar e me pagar, se der pra pagar meu trabalho, as despesa minha lá em cima, né? Eu saio, mas não apareceu. Bom, ela queria me dar 500 reais, eu disse: “não posso ficar. E tem outra coisa: eu não fiz negócio com a senhora. Quem me procurou foi seu marido. E diga pra ele que eu vou esperar ele aqui da mesma forma que ele me procurou, eu recebo ele. Não vou receber ele com briga não”. E ela disse que na outra semana ele vinha falar comigo. Foi em 1997, dezembro de 97. Desde então ele não apareceu mais. Eu ouvi falar que um dia ele passou lá por São Sebastião, aqui na Comunidade próxima ao assentamento do [INCRA]. Aí falou com um senhor que ele tinha um terreno aí, inclusive ele ia fazer procuração. Tô esperando. Se chegar e me pagar eu saio.

(Baru me diz uma coisa, e quanto tempo vocês levaram pra fazer esse ramal?)

-Nós passamos quase um mês.

(Um mês?)

-Trabalhamos desde agosto, o resto de julho e agosto até o dia 22 de agosto eu trabalhei.

(E como é que era aqui essa floresta?)

-Era mata fechada mesmo, não tinha trabalho de nada. Mata bruta mesmo.

(Vocês tiraram muita madeira aí legal? O quê que tinha de madeira?)

-Não. Madeira não. Não tem condição de tirar madeira daqui. Não tem condição de tirar madeira daqui.

(Foi só abrir picada?)

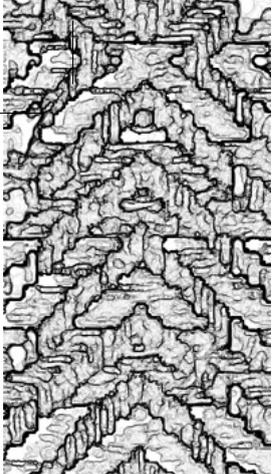
-Só a picada.

(Tinha muita caça?)

-Sempre tinha, né? Eu sempre gostava de caçar por aqui. E ainda tem alguma.

(E os primeiros moradores foram chegar quando?)

-Quando eles denunciaram ele, já existia alguns daqui, né? Já tavam derrubando roçado. Logo que começou, né? E eu fiquei morando lá fora e alguém que queria ver algum terreno eles vinham primeiro comigo. Aí com o tempo eu passei a ser o Delegado Sindical lá do Julião aí eu trabalhei pra esse pessoal tudinho aqui.



Rebêlo *et al.*

Chegavam perguntavam. Já sabiam que tinha esse loteamento aqui, né? [] eu mostrava, mas nunca cobrei nada. A única coisa que eles faziam me dar era a diária do trabalho de ir lá mostrar pra eles, só. Pode perguntar aí pra qualquer um morador se algum dia eu cobrei alguma coisa. Até eles se admiravam, porque tem muito lugar aí que os camaradas só faz se for por dinheiro. Táí. Os primeiros mesmo que vieram, um monte desistiram.

(Quem que foram os mais veteranos aí?)

-Os mais veteranos têm o Seu Adison, Seu Raimundo, Dona Ana, Ana Paes Batista.

(O Raimundo ta aí ainda, né?)

-Tá, o Luiz.

(O Adison também?)

-Tá, tá o Luiz, seu Paulino, seu José Barbosa, esses foram os primeiros que ficaram no [retiro]. Tinha o outro o Zé Pascoal, mas o Pascoal ele fez um sítio bonito aí, mas ele não mora mais aí. Tá lá pra Macapá. Depois disso foi entrando esses outros.

(Nessa época tú que era o Delegado Sindical aqui)

-É.

(Até lá na ponta?)

-Até na ponta. E foi o tempo que houve uma, de uma gerar a diretoria da Comunidade, né? A Associação aqui dentro.

(Isso foi quando?)

-Noventa e oito.

(Noventa e oito?)

-Criada a associação.

(Aí os índios já tavam aí?)

-Já.

(O Domingos, o Raimundo? Foi tu que chamou ele?)

-Não, eles vieram até mim, né? E só vim mostrar a área pra eles aí. Eles vieram através de um rapaz chamado Amaral, né? Pra vim pra cá. [] Aí eu mostrei a área aí, né? Era pra trabalhar aí. Inclusive o Domingos ele foi o primeiro presidente da Associação. E agora tá na mão do Silvestre. [Que] foi vice do Domingos.

(Mas e o Delegado Sindical agora é o Manoel, né?)

-Daqui [Colônia Central] é.

(Desde essa época? 98?)

-Foi. Nessa época aí.

(Aí depois deles é que chegou essa outra turma? Arlindo, Joel?)

-Não, o Joel ele entrou aqui em 97. Nessa época o único trabalho desse que eu peguei aqui foi dois

trabalhos. Só tinha eu que trabalhava com moto-serra aí. Vinha pra cá, só fazia roçar o mato []. Mas aí já veio uns que pegaram o terreno e não se acostumaram, saíram fora daí. [] Porque tem dificuldade em colocar produto pra beira, né? Pode ver que até a madeira mesmo ninguém se [atreve] a tirar porque: carregar como? Essa árvore aí isso é Angelim, é bom pra móvel. Se derrubar fazer prancha aí dava cinco a seis metros de prancha. Não pode, não tem nem como aproveitar.

(Aí depois fizeram essa sede?)

-Depois fizeram essa sede aqui. [] Foi em [1999]. Então essa é a história, nossa história do Tarumã-Miri, Colônia Central, Tupé, Tatu. Isso aí eu conheço de noite e de dia nessa mata aí.

A nascente da água

Depoimento de Domingos Vellozo Vaz, anos, índio Dessano.

(Você foi o fundador aqui da Colônia Central, né?)

-Fui.

(Como que foi isso aí?)

-Eu fui um fundador daqui da Colônia Central porque muitos deles, muitos daqui do, do, da Colônia Central, eles [] já estavam antes, como eu estava dizendo ontem, já tinham dez famílias aqui, mas só que eles não eram fundadores, [] e eles eram simplesmente [], eles eram invasores.

(Não tinha uma Associação?)

-Não tinha nenhuma Associação, simplesmente eles eram uma família, mas [] na prática eles eram uns invasores. Aí quando eu cheguei, aí vi que não dava certo aí eu, fundei.

(Mas já tinha esse ramal?)



-Já tinha esse ramal, há muito tempo.

(Eles invadiram o ramal, é isso?)

-Eles invadiram o ramal. Não, só que eles vieram através de um [], de um político [], que era agente do governo, ele era agente do governo, aí saiu expulso [] dos trabalhos dele [] e ele visou, porque essa área era da União []. É, aí, então, o quê que ele fez, ele saindo do governo, dos trabalhos do governo, ele teve que fazer uma Associação aqui chamada, ele fundou também uma Associação Paz e Bem, chamada Paz e Bem. Histórico dela ela tem também aqui. É outra história. É outra Associação também que ele fundou antes de mim. Ele fundou com uma Associação chamada Paz e Bem. Aí o quê que ele fez?

(Quem que era esse político aí?)

-Ele era um, ele era um, um [geólogo], ou algo da, do governo mesmo, eu não sei quem ele era também, mas o pessoal não sabe explicar também, porque [], eu sou novato aqui eu não sei como, eles não sabem se explicar também. Eu não cheguei a conhecer. Então eles dizem que esse, esse senhor, ele, ele que fez a, os limites tudinho desse ramal. Treze quilômetros medido tudinho [], fotografia, tudo, tudo, tudo, tudo ele que fez esse aí. Então, depois que ele fez isso [], aí o governo botou fora ele, então o quê que ele fez? Pra aproveitar, ele fundou uma Associação clandestina chamada Paz e Bem. Aí todo mundo caiu, né? Hoje em dia é assim, né? [risos]. Ah, o governo vai dar isso, não sei o quê, ta, ta, ta, ta e qualquer um pode enganar, né? E assim que ele usou o pessoal, então o pessoal de Manaus, esses recém chegados de, de Maranhão, Pará, entendeu? Vieram

pra cá. Ele cobrou taxa de 50 reais [] pra cada lote e olha que tem 56 lotes aqui, [] 50 reais. Aí encheu. Na, na realidade não era pra agricultura, ele estava visando pra extrair madeira aqui dentro. Era pra extrair madeira, ele já vinha extraíndo lá do Julião pra cá, que aqui tem muita madeira, de lei. Então, a intenção dele era essa.

(Que madeira que ele tirava daqui?)

-Ele tirava de tudo.

(Tudo?)

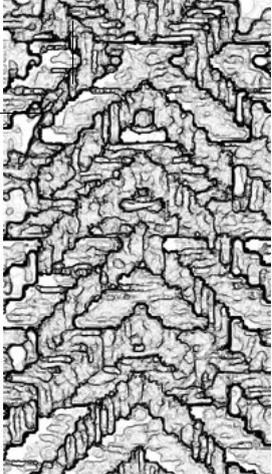
-Tudo, tudo, tudo, tudo. Só deixava mesmo a madeira fina. E vinha acabando. Aí, descobriram que a Associação era clandestina. Aí ele foi varrido pela Polícia Federal, sumiu. Aí todos que tinham ocupado por aqui, no ramal [] vendo essa [], essa visão aí na frente, né? Aí, se afastaram, foram embora, porque era difícil, era tudo mato. Não tinha nada de concretização aqui dentro, eles foram embora. Foram embora e ele já tinha ganho 50 reais de cada lote. Fora a [madeira] que ele levou. Aí, então, restaram dez famílias aqui. Ficaram aqui dentro. Restaram dez famílias, ficaram permanentes, calados. Aí o quê que eles fizeram? Derrubaram, como a lei [] como todo mundo faz, né? Aí começaram fazer roçado.

(alguma dessas dez famílias ainda ta aí hoje?)

-Tão aqui. Ce vai conhecer, quando vocês forem, da próxima vez vocês vão conhecer eles. E eles, lá do começo.

(Nesse trecho aqui, não?)

-Não, não, daqui não. Aqui é tudo depois já. Eles entraram depois que eles já tavam com quatro anos. Entraram já quase igual como a gente. Já vão fazer quatro anos eles. Mas só que pra cá funcionou rapidinho [risos]. O pessoal fizeram logo, ta, ta, ta, tá bonito pra lá, né? Mas só que, uma hora dessa até que ta bonito, mas meio dia, uma hora é []. Aí, então, o quê que aconteceu? Aí eles fizeram, ficaram lá: dez famílias. Trabalhando, cultivando: maniva, cupuaçu e o que tinha que fazer, né? Aí nessas alturas eu cheguei em 98 [], 98 eu cheguei. E vim de [] da Associação ACIRU- da Associação das Comunidades Indígenas do Rio Umari, lá dos Distritos de Pari Cachoeira, eu era presidente dessa Associação, fundada por mim mesmo, eu vim dá uma volta aqui, ele tava já em Cravoeiro, ele tava em Cravoeiro aqui no Município de Barcelos. Eu vim é dá uma volta, dá uma [] com ele, conhecer como é que era, aí vim tudinho com toda minha família. Cheguei em São Gabriel, de lá passei pra Cravoeiro. Pra mim retornar foi uma luta. É um



Rebêlo *et al.*

dinheiro alto já, né? Tanto pra mim retornar com minha família. Aí não consegui mais retornar pra lá. Acabei ficando em Barcelos, em Cravoeiro, município de Barcelos. Aí acabei ficando com [] um ano, aí matriculei, os meus filhos não prejudicaram nada. Era tempo de matrícula ainda, aí matriculei logo os meus filhos. Só que o primeiro já tava em Manaus, já tava fazendo sexta? Sétima? Sexta [], já tava fazendo. Aí os pequeno eu matriculei lá e agüentei um ano, aí não pude mais retornar pra Pari Cachoeira. Aí o quê que acontece? Aí nessas alturas, aí a minha irmã, a nossa irmã que tá aqui, a Éster, ela pegou, ela tinha amigos delas, né, que estudavam junto com ela, acadêmico, né, ela estudava aqui em Manaus e aí [], nosso vizinho do outro lado, chamava Amaral. Ele dizia pra ela, poxa Ester, lá tem uns terrenos bonitos, ce não quer pegar, não? Ela dizia não. Dois anos, três anos relevando. Aí certo momento ela viu que [], ele já levava já cará [], bonito. Ele já levava já da roça dele. A roça dele era bem aqui aonde tá a sede. Então ele plantava cará e ele levou dois cará pra ela [], cará bonito. Aí ela se animou, aí ela [] veio também com ele [] sozinha. Veio pra cá, chegou aqui, ela ficou olhando []. Aí o pessoal tinha pulado esse aqui. Daqui do seu Vicente pra lá, os terreno já vão embora, né? Agora esse aqui eles não pegaram porque os terrenos eram pequenos e o pessoal aqui é, quem veio lá de fora eles só pensam em área grande, né? Muita terra. Aí, fecharam essa parte, né? Essa parte era limpa, por que? Só tinha aquela partezinha na beira do ramal e pra cá é só igapó, né? Ninguém podia trabalhar []. Aí o quê que ela fez, ela, como ela era índia [] ela visou logo na água, ela não visou no terreno não. Ela visou na água onde tinha nascente da água, ela visou nesse sentido, ela pegou esse terreno aqui. Pegou esse terreno, ficou com um ano parado. Pegou esse terreno demarcou a área, né? Aí, com um ano ela convidou ele [Raimundo], que ele tava em [Cravoeiro]. Eu já tava aí também. Ela convidou ele pra vim derrubar essa área aqui onde nós estamos agora. Pra derrubar uma quadra, a roça dela, que ela tinha pego um terreno no município de Manaus, ninguém sabia onde era. Só ele que veio com o filho dele [], né? Com o Reginaldo. Ela já tinha brocado aí. Ela já tinha brocado e ele veio derrubar [] essa área aqui. Ele veio derrubou, voltou [] pra Cravoeiro. Aí, quando foi pra queima, eu fui convocado. Eu tinha dito pra ele, vá, agora você e [] vão pra lá. Ele disse, não, é muito longe pra lá, não dá pra

gente ir lá, muito longe. Ele não quis ir, aí eu digo: tudo bem, eu vou. Aí eu vim com ele. [Comentário do Raimundo] Aí então, o quê que eu fiz? Aí eu vim com o filho dele, aí com o filho dele eu vim, né? Aí eu vim, não, o filho dele tava aqui em Manaus. Aí eu vim de lá e eu trouxe ele e ele me trouxe, eu não conhecia onde era. Aí nós viemos aqui e tocamos fogo no mês de setembro de 1998. Nós tocamos fogo aqui.

(Tinham quantas quadras já?)

-Uma quadra só []. Essa quadra que ela tinha derrubado, porque prá lá era tudo igapó, né? E tem lá em cima também. Mas o importante é a água, né? A nascente da água. Aí então o que aconteceu? Aí nós queimamos, aí fui embora, voltei pra, regresssei pra Cravoeiro, aí voltei [], aí falei: tudo bem, tá. Já que já iniciamos então vamos lá. Aí eu peguei 12 feixe de maniva de lá, [] me mandei de novo pra lá. Essa maniva que nós temos aqui é de lá, de Cravoeiro, por isso que nossa farinha é bem amarelinha.

(É diferente mesmo)

-Diferente. Nós trouxemos 12 feixes, nós carregamos lá do Julião, pra trazer até aqui.

(Vocês vieram por lá?)

-É, porque não tinha nem acesso por aqui ainda. Aqui não tinha acesso ainda. Aqui não tinha nem acesso ainda, aqui era tudo igapó, aqui ninguém [], ninguém sabia onde era, o acesso era tudo pelo Julião ainda, um ramalzinho assim. Tudo bem. Aí nós carregamos, plantamos, aí ficamos. Aí a minha irmã disse pra mim: olha, poxa, já que nós estamos começando, então vamos fazer o seguinte: traga a sua família [], bota seus filhos pra estudar aqui em Manaus e você fica lá no sítio. Vamos cuidar do nosso trabalho. Tudo bem. Aí mudei de vez.



Em vez de voltar lá pra [] eu vim pra Manaus. [] Bom, aí eu, só eu pensando, né? O que será que vai dar no final, né? (risos). Aí no sentido de pensar eu tava sendo [nômade] já sabe? Eu, degrau, degrau, descendo até encostar aqui em Manaus.

(Chegando como é o nome? Barreira?)

-Santa Barra. E aconteceu, tudo bem, aí eu trouxe a família e [ficamos] lá. Viemos aqui, matriculamos e então [] começaram estudar, né? Tudo bem. Aí, nós passamos pra cá [fazê lá] o sítio, a roça, né? Um ano que nós pegamos muita malária 1999 e 2000.

(Tinha muita malária aqui?)

-Aqui era [] infestada de malária. A gente passava 15 dias, com 15 dias a gente já tinha que ir lá. E não tinha nem agente de endemias aqui, não tinha nada. Nem aqui no Tupé não tinha. [] E passaram, dois anos passamos ida e volta, ida e volta, por isso que nós atrasamos tanto. Nós éramos só nós dois eu e aquele um. Nas férias eles vinham também aqui, eles vinham passavam com a gente 15 dias, com 15 dias todo mundo pegava malária. Todo mundo voltava de malária, pra lá de novo, lá no Hospital Tropical. Chega dava pena. E graças à Deus hoje em dia não tem. Foi combatido [] e o posto taí também, a Artemis e aqui nós temos hoje também agente de epidemia aqui dentro.

(Aqui, na comunidade aqui com vocês?)

-Uma é essa aí, a Terezinha minha esposa, o outro é Amaral. Fizemo nesse ponto, aí eu fiz tudinho isso aí. Era pra mim ter feito mais coisa, mas só que eu não pude fazer, naquele tempo, no que eu disse ontem, aí ficou difícil. Pois é. Aí então [], nós ficamos aqui [], mas porque não deu, não deu pra gente

levar avante, devido que não dava pra gente levar de acordo como a gente queria. Aí ficou difícil. A gente queria trabalhar [], fazer o nosso trabalho, mas só que ficava difícil. Aí foi que eu fiz, eu um dia reuni o pessoal lá, né? Com esse pessoal lá da frente, aí eu falei com eles, “olha, pôxa, que tal a gente fazer uma Associação, fundar uma Associação tal, são muitos lotes. Quem sabe, de repente a gente se reúne umas 300 pessoas aqui, dá pra fazer uma comunidade bem grande aqui. Bóra fazer isso aí? Eu tô acostumado, eu sei como fazer, eu conheço esse ramo aí”. Eles disseram: “pôxa, então bóra fazer”. Todo mundo animado, né?

(Foi quando?)

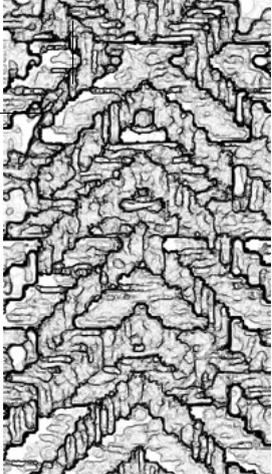
-[1998]. No ano que eu cheguei, 98. Aí o quê que nós fizemos, tudo bem, então bóra começar. Aí nós tivemos que arcar do nosso bolso com [200] reais pra poder começar. Aí o quê que nós fizemos, nós começamos pela Delegacia Sindical, lá em Julião. Elegemos o presidente da Delegacia Sindical, o seu [] Adson, um dos primeiros que chegou aqui já tão fazendo sete anos, oito anos. Ele ficou eleito como delegado sindical da Colônia Central. E esse nome da Colônia Central já vinha com esse senhor que tinha feito com Paz e Bem, a Associação Paz e Bem. Já vem desse nome, da Colônia Central, entendeu? Aí já veio. Então foi essa forma que eu tive que, tive que registrar nesse sentido também, da Colônia Central e não largava mais da [pauta], aí ficou desse jeito.

(Como que ficou chamando a Associação?)

-A Associação ficou chamada como: Associação Comunitária Agrícola [] Rural da Comunidade Colônia Central, ACAR. Foi registrado dessa forma. Teve que lutar muito, eu lutei muito pra essas coisas, pra poder registrar e fazer tudo, tudo, tudo, [] todas essas coisas.

(Registrar o estatuto, fazer Assembléia)

-Assembléia. Isso me custou, é! Deu trabalho, graças à Deus terminei, tá na mão deles agora, né? Mas porque [], aí depois, logo no início de 2000 [], nós fizemos a primeira Assembléia da Associação e elegemos uma Diretoria e fundamos uma Associação que é, que agora que é Associação Comunitária Agrícola Rural da Comunidade Colônia Central. Fundamos a Associação com estatuto, tudinho [] e hoje em dia ela é [] tá bem registrada, graças à Deus, se eles souberem levar, eles vão levar. Depois entrego tudo na mão deles. O [argumento] deles tão tudo na mão deles. Registramos, registrei [] e fundei essa Associação e que da qual hoje



Rebêlo *et al.*

em dia está desse jeito e esperamos, eu só to esperando, olhando pra eles o quê que eles vão fazer.

(Quando foi fundada a Associação tinha quantos sócios? Quantas famílias eram?)

-Tinha 25, 25 sócios. Nós éramos 25 sócios, não famílias, [] era só do lote, um sócio de cada lote, não família. Se fosse família era mais gente ainda.

(E quantos eram residentes aqui?)

-Residentes só eram: uma, duas [], três, quatro famílias só. E aqui nós éramos só nós dois: eu e minha esposa. Minha irmã [Éster] morava lá em Manaus. Então tá: aí começou, aí tudo bem, aí comecei trabalhar durante três anos: 2000, 2001, [] 2002, que acabou agora.

(Quem que foi o primeiro presidente aí da Associação?)

-Foi eu. [] E é duro [risos] a gente conviver com umas pessoas que nunca estiveram, que nunca mais tiveram contato com uma comunidade. Eu acho, né? Aí fica difícil. Então três anos nesse sentido aí, durante três anos foi isso, não era pra gente tá desse jeito, não. Era pra gente ter nossas casinhas também, na beira do ramal, tudo bonitinho, como ali no []. O seu Arlindo ele não tem mais problema, chegou lá, tá, tão trabalhando o lote. Que não tinha compromisso com nada, né? Agora eu não, teve três anos.

(O seu Arlindo é dessa época também?)

-Não, ele vai fazer dois anos agora. Então tá. Aí vimos que o ano passado, nós vimos que isso não adiantava, tentamos fazer um, tentamos fazer uma sede ali, mas morreu. Não adiantava. Quando era dia de comunidade aparecia um, dois.

(Aquele sede tem pouco uso, tá abandonada, como é que é?)

-Pelo que eu tô vendo agora tá abandonada. Aí então, visando nesse ponto aí, eu me larguei, larguei o mandato entreguei os papéis tudinho. Pulei fora. Porque eu não vou perder tempo, eu não gosto de perder tempo com essas coisas aí. Não adianta a gente quebrar a cabeça, não adianta a gente esquentar a cabeça com aquilo que não vai, que você ta vendo que não vai certo, você não vai continuar aquele trabalho. Visando nesse ponto eu pulei fora.

(Quando que foi isso?)

-Foi dia seis de janeiro 2002. Aí eu entreguei tudinho, prá eles continuarem no começo logo do ano. Eu

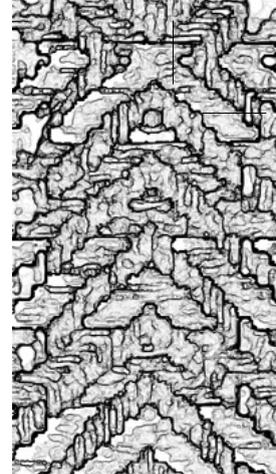
entreguei tudinho e fui embora. E não deu certo também porque, como presidente eu era indígena, então muitos diziam: “pôxa um índio não sabe, nunca trabalhou nesse negócio aí, não sabe, ele não sabe o mundo branco. Ele não sabe convivência do mundo dos brancos, ele não sabe, não sabe nada. Nós brancos, nós sabemos”. Eu via, mas não dizia nada. Então isso me, entendeu? Me dizia [], então eu saí e [], então nesse ponto eu larguei. Vi e percebi que aquilo não dava certo pra mim. Então pra eles, era só eles e tudo bem. Eu aceito. Então, como eu era índio, eu poderia trabalhar só no meu rumo também. Tá bom. Visando nesse ponto aí largamos, entregamos e saí, do jeito que tá. Do jeito que nós entregamos, entregamos tudo direitinho, bem registradinho com dinheiro ainda. Agora que eles não [amolem] lá em casa, isso é problema deles.

(Você entregou pra quem? Quem é que assumiu a presidência?)

-Taí, o Augustinho. Só que ele mora do lado da Comunidade Julião, ele não pertence aqui, ele não é nem sócio.

(E como é que fica? Quem não é sócio pode ser presidente?)

-Isso coube do pessoal daqui do ramal. Eu não sei porque eles elegeram, eu não estive quando eles elegeram. Só estive no dia da [posse] Eu falei na frente dele, eu falei pra ele: “olha, prá você fazer funcionar essa Associação, você tem que ser sócio em primeiro lugar, em segundo lugar você tem que mudar sua casa e tem que fazer sua casa aqui dentro da sede. Dessa sede pra você puder funcionar essa Associação, caso contrário daí vai morrer”. Na frente dele, na frente dele. Só assim que vai funcionar, caso contrário nem pensar. Eu que era,



morava aqui eu fazia meus trabalho, não funcionou. Agora que ele mora lá no Julião, quando é que ele vai vim visitar aqui? Quem é que vai capinar aí? Daqui a pouco tá na capoeira [], dentro da capoeira. É que custô caro aquela casa.

(Deve ter dado trabalho pra fazer aquela casa)

-Então, aconteceu isso. Então é, terminando isso, nós fizemos, entregamos, aí o que nós fizemos? Nós visamos nesse sentido. Bom, já que nós somos indígenas, pra nós tanto faz. Pra nós tanto faz, como a gente está, como a gente é, o que nós somos. [] Aí eu falei com a minha turma, né? Com a minha irmã []: “bóra começar tudo de novo” (risos). Aí nós começamos de novo. Aí fizemos, preparamo estatuto, sô acostumado nisso mesmo, né? Pra escrever é comigo mesmo (risos). Aí eu preparei estatuto, tudo que tá.

(Uma nova Associação)

-Nova associação, mas agora indígena. Mil metros de frente, mil metros de fundo. E onde vai ser reconhecido uma área ecológica [] e onde nós vamos implantar uma, um projeto de ecoturismo. E essa área vai ser reconhecida pela FUNAI e outros órgãos não-governamentais que nos apóiam, muita gente vai aparecer aqui. Inclusive [vocês] vão fica aqui também, o dia que nós terminar essa casa, nós vamos fazer a primeira Assembléia aqui. Vamos convidar todo mundo, vamos querer que todo mundo participe dessa primeira Assembléia.

(E a Associação, então, ela não tá fundada ainda, essa nova Associação?)

-Por enquanto ainda não, está em processo. Tá em processo, tá em processo, mas estamos no final de junho, maio, junho, creio que tá tudo pronto.

(Como que vai chamar?)

-Ela vai se chamar Associação Comunitária Indígena, é, [Umokodiromatá].

(Que significa?)

-Que significa Associação Comunitária Indígena Gente de Deus [] Desão. Vai ser registrado dessa forma.

(Como que vai ser esse projeto do Ecoturismo?)

-Olha, esse projeto Ecoturismo, nós estamos [], eu como linha de frente do trabalho, eu estou pensando da seguinte forma: nós vamos trabalhar [] dois lados: comunidade indígena e a maloca indígena. Então o que nós vamos fazer? Dentro da maloca nós estamos querendo montar uma escola de pajelança, onde [] porque uma pessoa não índio vão aprender as mitologias [] da nossa etnia. Inclusive o professor vai ser eu. Nós vamos fundar uma escola de pajelança, centro cultural e centro de artesanato.

(Isso na maloca?)

-Na maloca. Nesse sentido que nós vamos fazer isso.

(E lá vai ter lugar pras pessoas ficarem?)

-Tudo, tudo, tudo, [hotéis], nós vamos construir hotel, pras pessoas que vêm de fora, pra passar um dia, dois dias, [] nós vamos construir tudinho. É um projeto longo, mas é, se a gente tiver força de vontade acho que com certeza a gente consegue.

(Fora isso a comunidade vai continuar tocando seu roçado)

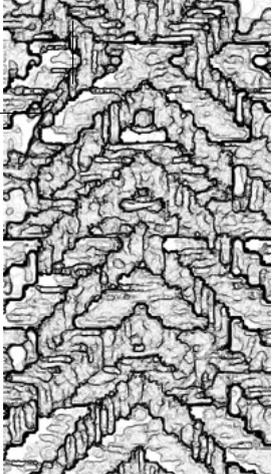
-Roçado, não como a gente tinha aquela visão de agricultor. Nós vamos ter que fazer só pro nosso consumo, a agricultura vai ser só pro nosso consumo. Daí a gente vai fazer um, como é que se diz? Reflorestá, depois da maniva a gente refloresta. E aí a gente vai vivendo assim. Prá nós a área é muito grande, []. E pros turistas, agora eu vou ter que estudar e nós vamos ter que estudar muito como que a gente vai fazer. Aí tem que entrar em contato com o Jaumir, com o Marcos Antônio e sentar numa mesa, como é que a gente vai funcionar esse negócio. E começar lá, né? Porque tudo começou lá.

(Lá no Tupé)

-Lá no Tupé. Nós fizemos uma reunião, que não era nem pai dele, era o, como era? O [Roque], né? Era o Roque antes dele. Conversei com ele prá poder entrar aqui, pra ajeitar o acesso e ficar prá cá.

(Desde quando tem esse acesso?)

-Tem desde 2000.



Rebêlo *et al.*

(Cês que abriram?)
-Nós que abrimos.

Considerações finais

Antes destes depoimentos a história da região onde hoje é a RDS Tupé era desconhecida, dispersa entre lembranças e fatos ignorados que ocorreram nesta área rural do município de Manaus. O planejamento e o manejo da área dependem também de uma compreensão da sua história e de seus moradores. Os visitantes da praia do Tupé desconhecem que ela foi construída por seus moradores, mas também os pesquisadores e planejadores desconheciam isto. Mesmo as pessoas que fizeram esta história desconheciam e talvez ainda desconhecem o termo “manejo de paisagem”, no entanto hoje o turismo recreativo é uma das principais fontes de renda dos moradores da comunidade São João do Tupé. O ramal Central foi construído como uma aventura para ganhar dinheiro, uma origem que tem pouco a ver com os planos dos moradores atuais, interessados em ampliar suas fontes de renda, escoar a produção e dotar a área de infraestrutura de saúde e educação.

Esperamos que o mesmo tipo de registro seja feito nas demais quatro comunidades que compõem a RDS Tupé (Julião, Agrovila, Sacramento e Tatu), para reunir histórias representativas de todas a área. Que mais pesquisadores recolham narrativas e mais informantes se disponham a revirar suas memórias para

deixar vir à tona as suas lembranças.

Agradecimentos

Todo o pessoal das comunidades São João do Tupé e Colônia Central, que nos receberam de braços e corações abertos, em especial os que nos contaram suas histórias. Edinéa Mascarenhas Dias forneceu bibliografia histórica.

Bibliografia Citada

- Martinello, P. 1988. A mobilização da mão de obra nordestina para a Amazônia ou a epopéia do arigó. *Cadernos UFAC Estudos e Pesquisas*, 1: 207-249.
- PROJETO BIOTUPÉ. 2004. Acesso em 23 de maio de 2004, do: [url:http://biotupe.inpa.gov.br](http://biotupe.inpa.gov.br).
- Simões, M.S. & C. Golder. 1995. *Belém conta...Cejup*; Universidade Federal do Pará, Belém. 191 pp.

Biotupé: Meio Físico,
Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central
Edinaldo Nelson SANTOS-SILVA, Fábio Marques APRILE, Veridiana Vizoni SCUDELLER,
Sérgio MELO (Orgs.),
Editora INPA, Manaus, 2005



Capítulo 16

Diversidade Sociocultural

A visão vernacular e o desafio cultural para construções em mutirão

Leandro GASPARINI

Arquiteto, consultor do INPA

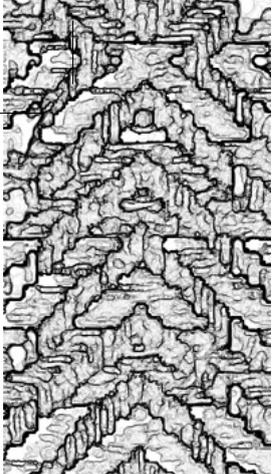
Pesquisador do Laboratório de Engenharia de Empreendimentos (LaborE / FEC-Unicamp)

André Munhoz de Argollo FERRÃO

Professor Livre Docente do Departamento de Arquitetura e Construção da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP.

Coordenador do Laboratório de Engenharia de Empreendimentos (LaborE / FEC-Unicamp).

RESUMO - Os processos tecno-construtivos baseados em conhecimentos populares podem viabilizar a preservação do patrimônio cultural contribuindo para o resgate da memória e da auto-estima de comunidades localizadas em regiões de desenvolvimento sustentável. O presente trabalho propõe uma discussão das bases teóricas referentes à emergência e preservação de processos tecno-construtivos locais para a construção de novas áreas edificadas, propiciando, inclusive, trabalhos em mutirão, garantindo a possibilidade de um planejamento sustentável para a RDS Tupé (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé), localizada no município de Manaus (AM), abrangendo uma área de 12.000ha, localizada a 25km do centro da cidade. Essa visão vernacular é considerada de relevante interesse à comunidade porque garante postura de equilíbrio entre a população local e o meio ambiente. A prática de reproduzir antigas técnicas construtivas nas atuais comunidades fortalece a presença de uma arquitetura em equilíbrio com o meio ambiente,



Gasparini & Ferrão

pela utilização de recursos naturais disponíveis (como a mão-de-obra) existentes na região. A padronização nos processos de aprendizado e transferência de tecnologia regional proporciona a interrelação entre os projetos transdisciplinares apresentados para a região, tornando mais equilibrada a reflexão cognitiva sobre o patrimônio ambiental e sua sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: transdisciplinaridade, desenvolvimento sustentável, cultura construtiva, tecnologia apropriada, paisagem cultural.

Introdução

A maioria das propostas de interferência espacial dificilmente considera os legados culturais herdados de qualquer população; e quando se discute sobre habitações célula formadora de uma comunidade tal fato é ainda mais evidente.

Nas construções, normalmente se utilizam materiais e técnicas mais convenientes ao mercado do que à população que vivencia sua comunidade, desconsiderando-se, neste processo, a necessária integração que se deve promover entre a população e o seu entorno natural, conforme Lorenz (1974, apud Chiappero & Supisiche, 2003):

“La humanidad civilizada se encamina por si sola hacia su ruina ecológica mientras asuela, con obcecación y vandalismo, la naturaleza que le circunda y nutre. Tal vez reconozca sus errores cuando sienta por primera vez las secuelas económicas de tal actitud, pero entonces, probablemente será demasiado tarde. Sin embargo, lo que menos percibe es el daño causado a su alma en el curso de ese bárbaro proceso. La ruindad estética y ética de la civilización actual es imputable en gran medida, al distanciamiento generalizado y acelerado de la naturaleza viva”.

Ao se definir que, mais importante que o modo convencional construtivo usado numa construção, o interesse maior está na relação do ser humano com o meio ambiente, vislumbra-se um restauro cultural necessário à comunidade, a partir da inserção do conceito de construção que utilize os recursos da região para o desenvolvimento de processos auto-construtivos. Dessa forma pode-se contribuir para a discussão sobre a formação da “célula formadora”, pois como admite

Santos (1997), é pelo resgate histórico, ou ainda pela constatação de que tudo se organiza para formar um sistema, um novo momento onde se busca modos antigos para se produzir novas maneiras de ações que obtem-se o respeito ao meio-ambiente.

Ao se utilizar desses pensamentos, há que se pensar no espaço como palco permanente de atividades condicionadas à valorização da cultura de seus usuários, e mostrar-lhes que se realmente querem, e podem, usar da Terra para viver e se desenvolver, necessitam, mais que tudo, se alimentar da sua cultura.

A PERSPECTIVA DO PARADIGMA AMBIENTAL

Espaço Ambiental

Inicialmente, parece inquestionável que nos dias de hoje qualquer construção deva utilizar materiais ou técnicas construtivas que estejam estritamente relacionadas ao progresso e desenvolvimento e, inegavelmente dentro desse contexto, pensarmos em projetos que valorizem mais o meio ambiente que o comércio, o capital, se mostra equivocado, e como menciona Ferrara (1999) a sociedade a todo o momento cria a facilidade de substituir um produto

por outro, dando um tom de abstração à possibilidade da finitude ambiental, já que o capitalismo tem como uma de suas características marcantes a fragmentação das atividades econômicas movidas pela necessidade de crescente especialização e como resultado a habitação vem sendo crescentemente esvaziada das inúmeras funções para qual foi criada, funções que não são só física, como também social, econômico e cultural, que condiciona a um comportamento decorrente de um modo de vida.

Esse modo de vida cria uma perspectiva ambiental calcada no comportamento de relações técnicas (Foladori, 2001), onde o relacionamento com o meio ambiente é crescentemente objetivado em coisa produzida. E não havendo mais a possibilidade de combater tais influências, principalmente devido ao esquecimento dos antigos costumes, o homem amazônida vê na adaptação de técnicas e materiais contemporâneos um modo de assegurar sua dignidade (Fig. 1).

Essas contradições dentro do ambiente de estudo mostram que existe uma realidade cultural marcada pela ambigüidade e pela ignorância do homem amazônida, primeiro por criar na facilidade de adaptação dos novos materiais um imaginário de conforto e satisfação que responde ao desejo de adquirir sua habitação (Fig. 2), e segundo por não perceber os danos que esse imaginário pode trazer ao meio ambiente, imaginando que a reposição das fontes de produtos sejam inesgotáveis. Diante dessa perspectiva, deve-se impor “a tarefa de repensar e de reorientar os destinos de sua cultura, de sua história e de sua memória, em direção a uma ecologia

humana, ética e civilizada” (Oliveira, 2002), onde o comunitário possa se desenvolver de maneira sustentável, entendido aqui como algo que esteja baseado nos costumes locais e que não agrida o meio

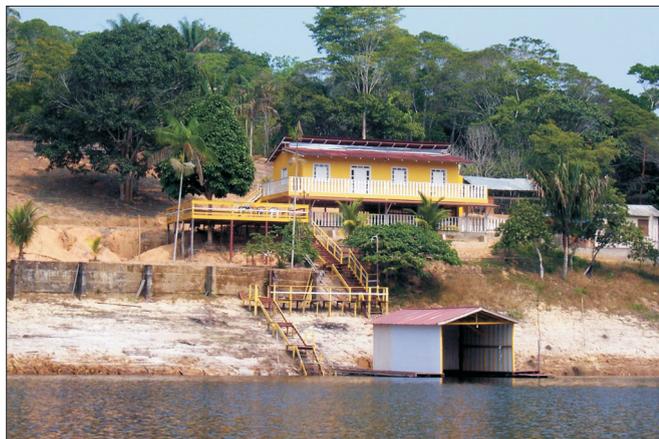


Figura 1. Uso de materiais típicos de construções urbanas, telhas de fibrocimento e blocos de concreto.

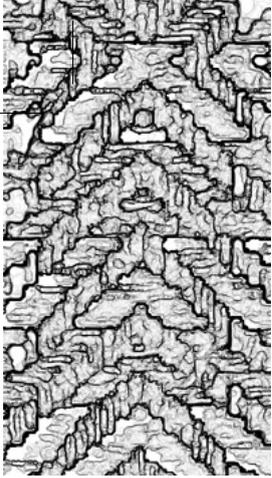


Figura 2. Uso do espaço sem cuidados com a margem do lago.

ambiente e as relações que nele se estabelecem.

Ao considerar tais contradições, surge a necessidade de alimentar um pensamento holístico que torne compreensível a realidade através do resgate cultural do povo amazônida, para que o equilíbrio entre homem, demais seres vivos e o ambiente não permaneça vulnerável, e cegue qualquer visão sistêmica que





Gasparini & Ferrão

garanta uma estrutura ambiental equilibrada. Para isso “a noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado” (Santos, 1997).

O surgimento desse paradigma holístico (Fig. 3) cria a possibilidade de uma relação transdisciplinar na qual os homens possam produzir os seus meios de subsistência, contudo isso depende da natureza dos meios que encontram prontos e que necessitam reproduzir (Candido, 2003). Para que seja viabilizada tal relação, o homem amazônida deve estar compromissado a repensar uma realidade sistêmica, uma vez que ele não é mais que uma parcela no ambiente, e não estando sozinho, o que deve prevalecer é: sociedade e demais aspectos que compreendem o que chamamos de natureza, se fundindo numa totalidade equilibrada.

(In)formação Ambiental

“De todas as estações do ano, o inverno é a mais velha. Põe tempo nas lembranças. Remete-nos a um passado distante” (Bachelard).

O homem capacitado de um dos instrumentos mais fantásticos que talvez já tenha aparecido o cérebro tem em si a qualidade de buscar em um passado distante qualquer desejo que o instigue. Essa máquina incrível projeta-lhe todos os modos de raciocínio capaz de lhe fornecer imagens, medos, ou simplesmente uma vontade de andar ou se expressar.

Isso o coloca diretamente ligado à idéia de que tudo pode ser (in)formado, e que essa atitude involuntária cria uma teia processual de co-evolução e inclusão, inter-relações que permitem associar e avaliar práticas advindas do seu imaginário (Gattaz Sobrinho, 1999). Dentro dessa visão de processo fica impossível dissociar a existência de um projeto mental pré-estabelecido que influa no desenvolvimento sustentá-vel. E como esse conceito encerra em si valores culturais acima de tudo, devendo considerar o homem como pilar desse desenvolvimento, já que a premissa é buscar o uso racional dos recursos naturais e conquistar bem estar ambiental. Para que a conquista se concretize, não se pode esquecer o valor de multidisciplinaridade ou multiculturalidade pois conforme (Oliveira 2002) o homem se transforma a medida que transforma o mundo e confere forma humana ao objeto de sua transformação

e promove assim o reconhecimento informativo sobre biodiversidade e sua valorização.

Ao trabalhar a habitação coletiva, há necessidade de considerá-la não somente como espaço físico, mas um local onde se estabelecem relações. Nesse sentido a arquitetura torna-se um gênero de ordem espacial e ganha referência própria, tornando-se uma forma silenciosa de ensino, que suporta símbolos culturais e ideológicos, e a análise desses espaços tem de ser feita como uma construção cultural que expressa e reflete determinados discursos.

Não é possível falar em paisagem, criação de um espaço habitável, sem a percepção e a interpretação cultural que interferem na vida cotidiana do homem amazônida (Fig. 4). Conhecer e respeitar as diferenças de cada ser abre a possibilidade de convivência tolerante entre o que o homem precisa e o que a natureza pode dar, pois de acordo com Foladori (2001) os seres humanos, como organismos biológicos e sociedades equipadas com determinadas bagagens culturais, possuem um comportamento e um instrumental para transformar o meio ambiente de forma qualitativamente diferente dos outros seres vivos. Para fazer prevalecer esse equilíbrio, cabe a tarefa de resgatar um ideário e dados culturais que instruem o comunitário para que tenha iniciativas de utilização do meio ambiente sem acarretar, ou pelo menos minimizar, danos que sejam irreversíveis, tanto para si como para o ambiente.

A área demarcada e local do assentamento a ser estudado (Fig. 4). Além da questão econômica, o distanciamento verificado em relação aos pontos de abastecimento de

recursos estratégicos, faz com que as famílias nesse local extrapolem as relações congênicas e criem situações de esforços laborais surgindo um grupo “doméstico-familiar”.

Tal proposta requer capacitação para que o comunitário assimile uma identidade que restaure do seu subconsciente conhecimentos herdados, e, de modo criativo e compromissado, torne sua consciência sustentável. Tornar consciente toda sua herança significa criar expectativas e mostrar caminhos para romper “com a tendência de viver em um mundo de certezas, de solidez perceptiva não contestada” (Maturana & Varela, 2001).

O Ambiente Vernacular

Saliente-se que não se deve capacitar o homem não como indivíduo, nem por distinção sexual, já que o entendimento dos papéis sexuais, bem como os sociais, são construídos culturalmente e não determinados biologicamente (Chaves *et al.*, 2004). O desafio de aglutinar esforços independente-mente de seu papel sexual reforça a idéia de mutirão, ou melhor, de aplicação de esforços coletivos para melhoria do espaço social, pois o contexto que se quer formatar é de desenvolvimento, conservação, proposta apropriada de resgate da tradição herdada. Detectada a prevalência do grupo em detrimento ao indivíduo, vale concluir que a conscientização vernacular no sentido estrito que significa próprio da região em que está é caminho factível para a busca de sustentabilidade.

Mario de Andrade, na viagem em que fez ao Amazonas em 1927, em uma



Figura 3. Integração de materiais, técnicas construtivas e o entorno.

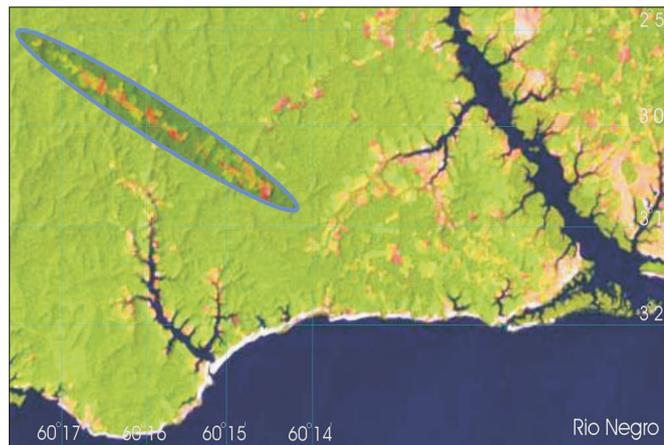
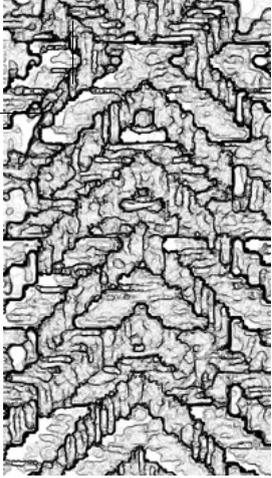


Figura 4. A área demarcada e local do assentamento a ser estudado.

região próxima de Manaus, já observava que um certo “conjunto arquitetônico se compunha de casa-grande e uma dúzia de casinhas, muito semelhantes às casa de adobe e sapé do sul” (Andrade, 1976) deixando claro a importância da existência de técnicas construtivas em que são utilizados materiais da região onde se vive. Também pelo grau de influência climática, o homem amazônida adapta seu abrigo com espaços abertos como varandas (Holanda, 1988)). Todos os relatos fortalecem, perante a população da RDS Tupé, a necessidade da





Gasparini & Ferrão



Figura 5. Casa pré-moldada: problemas de conforto ambiental e espacial.

viabilidade das técnicas construtivas existentes na sua comunidade, com base em materiais da sua própria reserva natural: madeira, pedra e terra, empregados com conhecimento próprio do seu sub-consciente.

Como se nota na Figura 5, ao contrário do que se imagina como características de construção da própria região, nem sempre o uso de materiais como a madeira pode trazer benefícios para se habitar melhor: por isso o primordial para a população da RDS Tupé talvez seja criar formas explicativas para valorização do



Figura 6A e B. Utilização de taipa na casa de farinha.

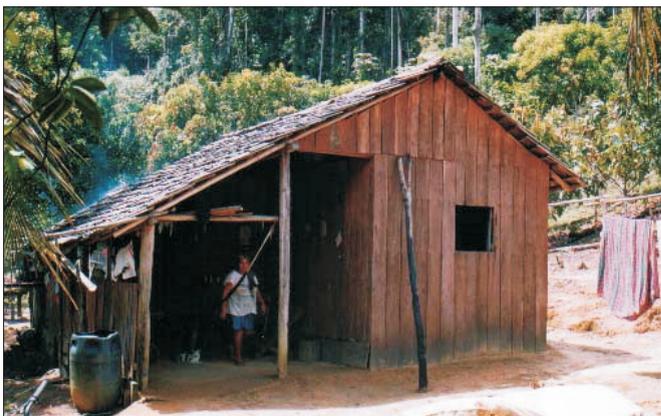


Figura 7. Casa de morador assentado.

manejo da madeira (por exemplo, suas características); assim como, da terra (sua facilidade de adaptação à construção); ou seja, conscientizá-los de que esses materiais foram os primeiros a serem utilizados pelo homem para a criação do abrigo “artificial” depois que abandonou a caverna, sua “habitação primitiva”.

O uso da madeira e da terra como material construtivo se encontra presente em quase todos os lugares do mundo e em quase toda as etapas construtivas de qualquer edificação. Nesse ponto, o salto qualitativo que se pretende é fazer com que as

construções sejam essencialmente baseadas em técnicas construtivas que se apropriem desses materiais como estruturas e coberturas em madeira, fechamentos de adobe ou taipa (Fig. 6A e B) etc., visto que é da natureza do comunitário do Tupé, e mesmo de outros locais da Amazônia, essa visão tecno-construtiva. Pensar na construção com essas características nada mais é que organizar o processo construtivo, otimizando o uso dos materiais para que sua exploração não seja agressiva à natureza, desenvolver ambiente de treinamento que proporcione rápida qualificação da comunidade, inibindo a concentração do conhecimento nas mãos de poucos indivíduos.

Outro aspecto que deve ser considerado conjuntamente com a qualificação da população diz respeito ao valor que se deve dar aos modos projetuais empíricos (Fig. 7) utilizados na área da RDS Tupé: catalogando e documentando suas formas e seu pensar espacial, para que os resultados adquiridos e estudados auxiliem na complementação das propostas construtivas, que estariam divididas em:

- Padronização das formas de utilização da terra da região, de acordo com períodos do ano, orientando seu manejo para criação de adobe ou taipa, para que adquiram durabilidade e resistência;
- Criação de posturas que respeitem o meio ambiente: planejar etapas construtivas de acordo com as características das madeiras que serão utilizadas, para que estas sejam retiradas somente na época correta de corte;

Conseguir integrar essas etapas

proporcionará ao comunitário da RDS Tupé maior conhecimento e reconhecimento da concepção estrutural da obra para facilitar a conservação e futuras intervenções, sem deixar de lado os conhecimentos dos antepassados, confirmado por Hertz (1998) ao lembrar que toda proposta construtiva deve levar em conta todos os aspectos climáticos, e ninguém reconhece melhor essa interrelação com o meio que deve ser projetado do que o próprio homem amazônida.

Conclusão

A criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, antes de ser uma norma, deve ter como papel principal desenvolver um planejamento ambiental para a região que se deseja preservar. Alguns pontos tornam-se relevantes para que se consiga converter as RDS de área de preservação biológica em espaços aptos para a vida humana, não só para o presente como para as futuras gerações, desmistificando a impossibilidade de habitabilidade dessas Reservas, e nisso reside a decisão de proporcionar a transdisciplinaridade de pensamentos na concepção de projeto e construção das edificações com a utilização prioritária de materiais locais, além das culturas construtivas apropriadas, que garantam a participação e autonomia da comunidade na construção de suas habitações.

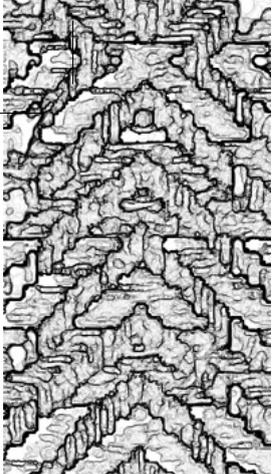
Uma vez destacados os pontos acima como prioridade para o bom planejamento das intervenções construtivas nas RDS, e principalmente na RDS Tupé, deve-se salientar então os caminhos para sua efetivação, e dentro desse contexto alguns mecanismos devem ser estudados:

1. A necessidade de desenvolvimento de instrumentos para o estudo dos fenômenos de crescimento da demanda por habitações nas comunidades.

2. A reversão do atual processo construtivo negativo (com alto impacto ambiental pela utilização de materiais trazidos de locais com características diferentes da RDS) no sentido de incentivar um processo sustentável que contribua ao equilíbrio ambiental e também à melhoria das condições de vida das pessoas através de sua independência técnica e construtiva.

3. Estímulo à consolidação de uma cultura de trabalho participativo entre todos os comunitários envolvidos nas construções através conscientização das





Gasparini & Ferrão

reais responsabilidades desses agentes na preservação de valores culturais e ecológicos para si e para as futuras gerações.

4. Resgate cultural coletivo, sem distinção de classe ou posição dentro da comunidade com a certificação pelos estudos históricos, tanto sociais como arquitetônicos, e por levantamentos da originalidade de ocorrência de casos representativos dentro das regiões de RDS.

5. Avaliação de pós-ocupação das construções para verificação e consolidação das atitudes transdisciplinares atuantes no planejamento das edificações, bem como para novos direcionamentos corretivos na co-evolução entre os métodos de trabalho empregados.

6. Garantir que a habitação elaborada mediante uso satisfatório dos recursos naturais atinja um mínimo vital compatível com as necessidades do comunitário.

O desenvolvimento e consolidação das etapas descritas leva em conta que, para uma intervenção em uma cultura construtiva regional, é impossível ignorar os limites físicos do meio ambiente enfocado e pensar que o homem e meio ambiente devem caminhar solidários; neste sentido o desenvolvimento e qualificação profissional são necessários para construção de espaços acessíveis e salubres, que tenham característica de reparabilidade e reutilização dos próprios materiais empregados; a auto-construção deve ser vista como aglutinador social e, facilitar a conscientização sobre a importância do desenvolvimento sustentável, e por fim salientar que as RDS só se manterão sustentáveis se toda sua paisagem cultural for preservada visto que toda sociedade não pode ser abstraída do seu contexto histórico-ambiental.

Referências Bibliográficas

- Andrade, M., 1976. *O Turista Aprendiz*, Duas Cidades: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, São Paulo. 382pp.
- Candido, A. 2003. Os parceiros do rio Bonito. 10ª ed. Livraria Duas Cidades Ltda. São Paulo. 376pp.
- Chaves, M. Do S. P. R., Abreu, J. P., Bindá, F. 2004, As condições de vida e uso dos recursos naturais pelos moradores do Parque Nacional do Jaú, in: Borges, S. H.; Iwanaga, S.; Durigon, C. C.; Pinheiro, M. R., (Eds.)

Janelas para a biodiversidade no Parque Nacional do Jaú: uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia, Fundação Vitória Amazônica, Manaus, p.63-78.

Chiaperro, R. O. & Supisiche, M. C. 2003. *Arquitectura en la Tierra cruda*, breve consideración sobre la conservación y la restauración. Nobuko, Buenos Ayres, Argentina. 79pp.

Ferrara, L. A., 1999, *Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. 2a.ed., Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 280pp

Foladori, G. 2001, *Limites do Desenvolvimento Sustentável*, Editora Unicamp, Campinas. 225pp.

Gattaz Sobrinho, F. 1999. *A Máquina Contextual nos Negócios*. Campinas, Mundo em Processo, Em CD.

Hertz, J. B. 2003. *Ecotécnicas em Arquitetura: Como projetar nos Trópicos úmidos do Brasil*, Pioneira Thompson Learning, São Paulo. 125pp.

Holanda, S. B. de., 1988, *Raízes do Brasil*. 20a.Ed., José Olympio, Rio de Janeiro. 158pp.

Maturana, H. R., VARELA, F. J., 2001, *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Pala Athena, São Paulo, . 288 pp.

Oliveira, J. A. de, 2002, *Cultura, História e Memória*. Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, Manaus. 54pp.

Santos, M., 1997, *Pensando o Espaço do Homem*, 4a.ed., Editora Hucitec, São Paulo. 66pp